CORNELIU ZELEA CODREANU

ANOTAÇÕES DA PRISÃO DE JILAVA

-1938-

SOCIEDADE EDITORA "DÁCIA"
Rio de Janeiro - 1988

CORNELIU ZELEA CODREANU

1899 – 1938

CORNELIU ZELEA CODREANU

ANOTAÇÕES DA PRISÃO DE JILAVA

-1938-

SOCIEDADE EDITORA "DÁCIA"
Rio de Janeiro - 1988

P R E F Á C I O

à 1ª Edição Romena

Treze anos depois do Calvário do Capitão na prisão de Jilava, publicamos as suas anotações referentes ao período em que lá ficou preso. Elas viram a luz do dia, pela primeira vez, na Alemanha, em Rostock, sob forma de um folheto mimeografado. Imprimí-los naquela época não nos foi possível. O governo alemão tinha-se comprometido perante Antonescu, não só de nos manter em campo vigiado mas também de impedir qualquer manifestação legionária na publicística européia. Uma edição em língua holandesa, do livro de Corneliu Codreanu "Para Legionários", não foi possível aparecer, o mesmo acontecendo com a edição preparada em língua francesa. Somente na Espanha, o Livro do Capitão teve uma outra recepção. A Europa, que se pretendia nacionalista, nos impediu de manifestar-nos e, por um paradoxo do destino, somente hoje podemos afirmar livremente nossos pensamentos.

"As anotações da prisão de Jilava" constituem um tremendo documento humano. Elas reproduzem a confissão de um homem que sabe que não tem muito que esperar dos homens, que a

sua vida e a sua luta, desde a hora em que o próprio Rei encabeçou a turma dos malfeitores, pertencem à vontade de Deus. Os seus sofrimentos físicos e morais são confiados à posteridade, com o suor da morte na sua fronte. Quem percorre o itinerário de sofrimento do Capitão, sente que a sua própria existência está se balançando, pelas dúvidas, pelas tristezas, pelo desespero que põem à prova sua grande alma.

De repente, na treva de Jilava, acende-se a luz de um outro mundo. Mostram-se os tempos longínquos, quando Cristo carregava Sua cruz para o lugar da sua condenação. O Capitão não mais está sozinho. A verdade testemunha por ele. E a verdade vencerá acima dos cálculos daqueles que juraram a sua perdição. "O Deus vê e recompensará" são as palavras com as quais concluiu o seu último depoimento, destinado a outros juízes, não aqueles que o condenaram.

O valor delas é grande também de outro ponto de vista. As "Anotações da prisão de Jilava" definem, numa forma que não mais deixa qualquer dúvida, o sentido profundo do ensinamento legionário: o espiritual não pode ser separado do político; a disposição íntima do indivíduo, os apelos do sobrenatural, precisam achar um correspondente na vida coletiva. "A característica do nosso tempo - diz Corneliu Codreanu - é que estamos nos preocupando com a luta entre nós e outros homens, não com a luta entre os mandamentos do Es-

pírito Santo e os desejos do nosso ser terrestre. O Movimento Legionário faz uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação".

"A responsabilidade de um dirigente é muito grande. Ele não deve deleitar os olhos de seus exércitos com vitórias terrestres, não os preparando ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual o espírito de cada um possa se coroar da vitória eterna ou da derrota eterna".

A tragédia toda da humanidade provém, como consequência, da dissociação dos dois elementos, da falsa concepção de que a História se faz sem Deus, de que as leis sociais seriam diferentes daquelas que regem o interior do ser humano.

Junho de 1951 Horia Sima

pírito Santo e os desejos do nosso ser terrestre. O Movimento Legionário faz uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista de sua salvação.

A responsabilidade de um dirigente é muito grande. Ele não deve deleitar os olhos de seus exércitos com vitórias terrestres, não os preparando ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual o espírito de cada um possa se coroar da vitória eterna ou da derrota eterna.

A tragédia toda da humanidade provém, como consequência, da dissociação dos dois elementos, da falsa concepção de que a História se faz sem Deus, de que as leis sociais seriam diferentes daquelas que regem o interior do ser humano.

Horia Sima

P R E F Á C I O
à Edição Argentina

Estas anotações, escritas na prisão de Jilava durante os meses que precederam sua morte, constituem a mensagem póstuma de Corneliu Codreanu, Chefe e Fundador da Legião do Arcanjo São Miguel, a famosa "Guarda de Ferro" romena.

Quem foi Corneliu Codreanu? Que valor tem a sua doutrina e sua figura para a atual juventude (argentina), desconhecedora em sua grande maioria dos laços culturais e espirituais que nos unem à estirpe romena, cunha latina no misterioso mundo eslavo? Como pode surgir sua figura através das sombras exteriores de uma história recente, conhecida quase exclusivamente através da versão oficial, imposta pela propaganda e os ditames dos bárbaros vencedores da Europa, após a repartição da dominação do mundo na reunião de Yalta?

Para responder a estas perguntas achamos conveniente apresentar a figura do Capitão (assim era e continua a ser chamado pelos legionários e pelo povo) num breve esboço biográfico. Seu retrato mais íntimo, o de sua alma heróica e sofrida, será descoberto pelo leitor nas páginas deste "Diário" (1).

Corneliu Codreanu nasceu em Iaşi (Rumânia) em 13 de setembro de 1899. O exemplo do seu pai, professor Ion Codreanu, e as leituras do

---

(1) Uma notícia biográfica completa pode ser encontrada no excelente livro de Carlo Sburlati "Codreanu, el Capitan", Acervo, Barcelona, 1970.

histórico N. Iorga e do teórico nacionalista professor A.C. Cuza, semearam na sua alma jovem as primeiras sementes do que alguém definiu de "o patriotismo militante das horas de crise".

Criança ainda, acompanhou o regimento de seu pai na frente de combate, na primeira guerra mundial. Recebeu sua educação e formação escolar secundária no Liceu Militar de Manastirea Dealu, que deixará no seu caráter uma marca indelével:

"A ordem, a disciplina e a hierarquia imprimidos em meu sangue ainda em tenra idade, junto com os sentimentos de dignidade militar, marcaram com seu traço incandescente toda minha atividade futura (...). Aqui tenho aprendido a amar as trincheiras e desprezar os salões" (2).

Seu ingresso na Faculdade de Direito de Iaşi, coincidiu com a situação caótica de após guerra. O comunismo triunfante na Rússia ameaçava violentamente a Rumânia desde seu interior, atacando as classes mais pobres, vítimas da miséria e da exploração. Atrás do comunismo, por um lado e da crise econômica por outro, estende-se o poder do judaísmo forte pelo seu número e pela sua agressividade.

Codreanu dá suas primeiras batalhas neste terreno, junto com o operário Constantin Pancu, Chefe da Guarda da Consciência Nacional. Como Corridoni, na Itália, Pancu procurava reunir numa só frente o amor à Pátria e à justiça social. Combatendo ao seu lado, Codreanu escreve:

(2) Corneliu Codreanu, "Guardia de Hierro", Omul Nou, München 1972, pg. 21.

"Por muita razão que as classes operárias possam ter, não admitimos que se levantem mais além ou contra as fronteiras do País; ninguém admitirá que para conseguir teu pão, destruas ou entregues à uma nação estrangeira de banqueiros e usuários tudo que tem acumulado o esforço bimilenar de uma raça de trabalhadores heróicos. Teus direitos, dentro do quadro dos direitos da tua raça. Não admitimos que pelo seu direito rompas em pedaços o direito histórico da nação a que pertences".

"No entanto jamais admitiremos que à sombra da bandeira tricolor se instale uma classe oligárquica e tirânica sobre os ombros dos trabalhadores de todas as categorias e lhe esfole literalmente a pele, agitando continuamente as idéias de uma Pátria que não amam, de um Deus em que não acreditam, de uma Igreja em que nunca entram e de um Exército que lançam na guerra com as mãos vazias". (3)

Esta frente dupla de combate já sintetiza o programa político de Codreanu. Porém, o movimento que tinha iniciado não se deterá no plano político, nem se fechará nos limites estreitos de um programa. Como José Antonio, seu gêmeo espanhol, Corneliu Codreanu não acredita que qualquer coisa séria, decisiva, eterna, se tenha feito baseado em um programa. (4)

A luta, começada na rua, se transfere para a Universidade. Presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito e logo da Associação dos Estudantes Cristãos, Codreanu vai adquirindo pres-

---

(3) Idem (2) - pág. 35.
(4) Cf. José Antônio Primo de Riveira, Obras Completas, Madrid, 1966, pg. 196.

tígio que em breve alcança dimensões nacionais. Dentro do movimento estudantil dirigiu a luta pelo "numerus clausus", procurando resgatar a Universidade do domínio judaico e devolvê-la à essência nacional e cristã.

A luta universitária encontrou uma ampla repercussão popular, indicando um despertar da alma romena. Para canalizar as novas energias que estavam surgindo foi fundada a Liga da Defesa Nacional Cristã, sob o estímulo de Codreanu e a direção do professor Cuza. A Liga levará a todos os rincões da Rumânia a rebeldia nascida no espírito dos jovens estudantes.

Em 1923, Codreanu é preso pela primeira vez, com um grupo de jovens camaradas com os quais complotava para aplicar a justiça aos traidores e inimigos da nação romena. Desta estadia na prisão de Vacaresti surgiu, como uma irmandade indestrutível, o núcleo que irá se converter no eixo fundador do Movimento Legionário.

As duras privações da prisão leva o Chefe a aprofundar no seu interior o alcance de uma luta que não pode ser meramente política. O herói da juventude nacional será também seu profeta. Nas meditações destes dias de prisão começam a tomar forma em sua alma os traços do místico e do santo, que conduzirá os seus ao combate sob a custódia celeste do Arcanjo São Miguel. Muitos disseram que Codreanu experimentou uma revelação ou manifestação do Arcanjo. As próprias palavras do Capitão pareciam indicá-la:

"Jamais tinha sido atraído pela beleza de uma imagem, porém me sentia ligado à esta com toda alma e tinha a impressão de que o Arcanjo estava vivo. Desde então comecei a amar a imagem. Cada vez que encontrávamos a igreja aberta, entrávamos e nos ajoelhávamos diante dela, e a alma se nos enchia de calma e alegria". (5)

De joelhos diante da imagem, na capela da prisão, se oferece ao Senhor como vítima expiatória:

"Senhor, tomamos sobre nós todos os pecados desta raça; aceite nossos sofrimentos e faça que estes sofrimentos frutifiquem em dias melhores para ela" (6)

O Senhor receberá esta súplica, aceitará este oferecimento e o conduzirá até o martírio. Os frutos desta entrega generosa perduram até hoje, apesar de tudo, como motivo de esperança.

Obtida a liberdade, Codreanu iniciou uma atividade que nos anos seguintes se estendeu à escala nacional: aquela dos campos de trabalho, com dupla finalidade:

1) O financiamento do Movimento,pois o Chefe rechaçará sempre as subvenções que comprometem e escravisam, e, não acredita na validade de uma organização incapaz de achar no seu

(5) Guardia de Hierro, pág. 170

(6) Idem, pág. 167

próprio seio os recursos necessários para sua vida e desenvolvimento. (7)

2) A educação dos seus militantes pelo trabalho e pelo sacrifício.

Já se mostra aqui o que será a nota essencial e distintiva do Movimento Legionário: sua preocupação pelo nascimento de um homem novo.

"O País está morrendo por falta de homens, não por falta de programas (...). E por isso não precisamos criar novos programas, mas homens; homens novos. (8)

Como o regime corrupto que dominava a pátria romena intuiu o perigo que estava nascendo e o ameaçava em suas raízes mais profundas, a repressão aumentava. Codreanu foi novamente preso, seus camaradas são torturados. Já em liberdade, intervém como advogado no processo de um dos seus. Ele é agredido dentro da própria sala do tribunal pelo chefe dos torturadores, o prefeito de polícia Manciu que matou naquela ocasião em legítima defesa. Codreanu volta à prisão.

Sairá absolvido do processo, que se transformou em acusação contra os verdugos. O triunfal retorno a Iaşi, durante o qual Codreanu é aclamado como vencedor por dezenas de milhares de romenos, na sua maioria estudantes e camponeses, assinala o alto grau de popularidade que sua figura tinha alcançado. As ma

(7) Guardia de Hierro, pág. 288

(8) Idem, pág. 259

ciças manifestações de simpatia se repetiram por ocasião do seu casamento com Elena Ilinoiu, quando os noivos foram àcompanhados por 2300 veículos em uma caravana que se estendia por vários quilômetros. A luta do jovem estudante fez vibrar as fibras mais íntimas dos corações sãos da sua pátria.

No entanto, todo este despertar devia ser canalizado de maneira orgânica e os responsáveis dele não se mostraram estarem a altura de tal missão. O professor Cuza, excelente teórico, não possuia qualidades de Chefe. A Liga da Defesa Nacional Cristã, depois de alguns êxitos iniciais, não andava como devia. Os desacertos de Cuza acabaram dividindo-a, frustrando desta maneira as esperanças da Nação e deixando apagar-se a luz acesa pela luta juvenil.

Estas circunstâncias infelizes são as que se apresentam a Codreanu quando da sua volta da França onde tinha ido para complementar seus estudos. A divisão do Movimento Nacional levou-o a decidir a recomeçar tudo de novo, sobre diversas bases, por um caminho novo, tomando em conta os erros cometidos.

Em 24 de junho de 1927 reuniu o grupo de camaradas com quem compartilhou a prisão de Vacaresti e fundou, sob seu comando, "A Legião do Arcanjo São Miguel".

"Que venham nestas fileiras aqueles que acreditam sem reservas. Que fiquem de fora aqueles que tenham dúvidas", reza a primeira ordem do dia. Pois o que une este reduzido mas animado núcleo juvenil não é só a luta universitá

ria, nem um programa político. É a fé. Fé em Deus, fé na missão transcendental do homem e da nação. Fé na verdade intuída, mais que em uma doutrina nascida do cálculo ou do raciocínio.

"Não tínhamos nos reunido porque pensávamos da mesma maneira, mas porque sentíamos da mesma maneira; não tínhamos o mesmo modo de pensar, mas a mesma estrutura espiritual. Não tínhamos (...) dinheiro, nem programa, mas tínhamos, em troca, Deus na alma, e Ele nos inspirava a força invencível da fé". (9)

Codreanu será o Chefe, o Capitão do movimento que nascia. Sua figura irá crescer até transformar-se em protótipo do ideal personificado, no exemplar do homem novo, cujo sucesso constituirá o eixo da idéia legionária. Em redor dele se juntará a juventude, cada vez mais numerosa, acompanhada por velhos lutadores, preservados da corrupção que a vida partidocrática gera. Da nobre pureza, nata nos jovens idealistas, defendida pelo duro ascetismo e a lealdade aos velhos militantes, surgirá a força mais pujante que tenha conhecido a Nação Romena.

O caráter introdutório destas linhas não nos permite descrever em detalhes a história do Movimento Legionário, desde a sua fundação até a morte do Capitão. Esta história é tão rica em exemplos, heroísmo e sofrimentos, que qualquer tentativa de resumí-la ou selecioná-la corre o risco de mutilá-la e empobrecê-la.

---

(9) Guardia de Hierro, pág. 253.

Tanto o dito como o não dito, que sirva para estimular a curiosidade do leitor e despertar nele o desejo de conhecê-la. (10)

De minha parte confesso que cada vez que leio me embarga a emoção e sinto vibrar em mim as fibras de uma profunda emoção espiritual. Volto a ver o Capitão, vestindo seu traje regional, a cruz de Cristo sobre o peito, a cavalo, cruzando os campos e as vilas para anunciar aos camponeses fervorosos a Ressureição da Pátria, empreendimento sem promessas e repleto de exigências de sacrifícios.

Vejo-o no Parlamento - como José Antônio "deputado sem fé e sem respeito para com os mitos liberais" - propiciando, sozinho contra todos, a pena máxima contra os assassinos da estirpe.

Contemplo aqueles que o acompanham na realização do seu sonho heróico:

- As "Irmandades da Cruz", estudantes secundários unidos no juramento do sangue.

- Os "Campos de Trabalho", onde a reconstrução material do País se une ao renascimento espiritual dos voluntários, mediante

---

(10) O "Diário" constitui uma excelente introdução para esta história. A quem desejar conhecê-la com maior amplitude recomendamos (além das obras citadas): Horia Sima, Histoire du Mouvement Légionnaire, Dácia, Rio de Janeiro, 1972; Paul Giraud, Codréanu et la Garde de Fer, ib. sem data.

a dura fadiga e a luz que brota das palavras com que o Capitão os anima.

- O "Batalhão do Comércio Legionário", onde o comércio desinteressado revoluciona o conceito de economia, liberando-a da sujeição ao dinheiro.

- O "Ninho", estrutura básica da Legião, que, mais do que uma "célula", é uma Família, unidade de ação, de formação e de oração.

Apresenta-se ante meus olhos, finalmente, a "Equipe da Morte", núcleo selecionado daqueles que decidiram viver no ideal até a morte e prestam seu testemunho percorrendo o País, cantando e rezando, oferecendo o testemunho da sua presença, golpeados seguidamente até perderem o sentido, arrastados por todos calabouços e todas as prisões da Romênia.

Todas estas imagens são tão estranhas para o nosso mundo prostituído pelo culto ao dinheiro, à carne, à matéria. Diversas imagens, porém unidas todas por uma causa idêntica: o sofrimento e a cruz, que constituem o centro da história legionária. Não é por acaso o distintivo do Movimento (seis barras cruzadas); simboliza ao mesmo tempo a cruz de Cristo e as grades da prisão.

Quando um povo é arrastado pelos seus governantes à corrupção, quando o espírito da Nação é prostituído pela degradação dos seus chefes e responsáveis, não resta outro caminho para a reconquista que o caminho da cruz e do martírio. Para as nações, como para os homens, o caminho da Ressurreição deve passar por aquele do Calvário. Codreanu o compreendeu. Por isso mede seus homens de acordo com a "sua capacidade de sofrimento e de amor".

Sabe também que o Senhor aceitou seu oferecimento em Vacaresti. Este é, pois o espírito que anima as páginas desse "Diário", em particular a meditação da Paixão de Jesus e os parágrafos onde descobre sua irmandade espiritual com São Paulo, o Apóstolo que desejava no seu corpo os sofrimentos redentores de Cristo.

Dominava a corrupção, de fato, na Romênia submetida à tirania de Carol II, rei venal, hipócrita, capaz de todas as traições, sensual, submisso aos caprichos de sua cocumbina judia, Elena Lupescu (Magda Wolf).

E esta camada dirigente do Estado, corrupta, tinha que se sentir ameaçada pelo ressurgimento espiritual da Nação, causado pelo tenaz avanço da Legião e pelo eco que ia encontrando o testemunho pessoal do Capitão e de seus seguidores. Dificilmente nos mostrará a história uma tal soma de fraude, violência, mentira e injustiça como aquela empregada por Carol, com a cumplicidade da imprensa judaica e dos partidos burgueses e maçônicos, para parar a marcha da Legião.

Porém, tudo isso é inútil. Como os primeiros cristãos, os legionários surgem fortalecidos depois de cada período de persiguições e, renascem da terra regada com o sangue dos caídos. O despertar legionário da Romênia manifesta-se inclusive num terreno que é próprio aos adversários: aquele dos resultados eleitorais.

Então Carol, pressionado pelas lojas maçônicas e pela sinagoga, e, pelo seu próprio orgulho criminoso, perdeu a paciência. Tomou em suas mãos todos os poderes e nomeou primeiro ministro o patriarca Miron Cristea, que de

sempenhou perfeitamente o papel de Caifás. Dissolveu todas as organizações políticas e submeteu-as à justiça, medida esta que tinha um só alvo: O Movimento Legionário.

Milhares de legionários enchem as prisões. O Capitão, rechaçando a possibilidade do exílio romano, decide compartilhar a sorte dos seus. O grande historiador e ex-nacionalista Nicola Iorga será o Judas da circunstância. Acusou o Capitão de injúrias, permitindo desta maneira que ele fosse preso e condenado, em abril de 1938, a seis meses de prisão.

A armadilha já se tinha fechado sobre a vítima escolhida.

O segundo golpe seria assestado pela justiça, submissa às ordens do rei. Num julgamento infame, Codreanu é acusado de traição e condenado novamente, desta vez a dez anos, apesar de que a precária defesa permitida conseguiu refutar todas as acusações e desmascarar toda a falsidade das provas.

Durante esta última detenção, na prisão de Jilava (cujo nome significa "humidade", mostra bem claro as condições de detenção) o Capitão escreveu o Diário que hoje publicamos em sua segunda edição castelhana. (11)

Não se deve procurar em suas páginas um manifesto político ou um compêndio de doutrina. Elas nos mostram a alma despojada e san-

---

(11) A primeira edição, completamente esgotada, foi impressa em Barcelona, em 1952.

grenta de um homem e um chefe que ao aproximar-se o momento do sacrifício supremo, mostra até que ponto o ideal defendido e proclamado se tornou realidade em sua própria pessoa.

Da prisão só sairá o Capitão para ser levado à morte.

Na noite de 29 a 30 de novembro de 1938, sob o pretexto de uma transferência, agentes pessoais do rei o conduziram à floresta de Tancabesti, na proximidade de Bucareste. Ali foi estrangulado, em companhia de outros treze legionários. Os verdugos dispararam em seguida sobre seus corpos, para dissimular uma intenção de fuga, que será anunciada no comunicado oficial. Deste modo, o rei traidor e corrupto, agente dos poderes ocultos, pensou ter acabado com a Legião do Arcanjo São Miguel.

Passaram quase quarenta anos desde aqueles acontecimentos e podemos afirmar, sem medo de incorrer em figuras retóricas, que Corneliu Codreanu não morreu. O Movimento Legionário - seis meses no poder, quase cinquenta anos sob duras perseguições - continua vivo no exílio e em silêncio numa Romênia, hoje submetida à escravidão marxista, mas que não perdeu a esperança pela qual o Capitão lutava em sua prisão de Jilava.

Os escritos de Codreanu e as obras de história e doutrina legionária estão sendo editados hoje em todo o mundo, em romeno, alemão, inglês, francês, italiano, espanhol e português. Em seu redor torna a despertar o interesse de um amplo círculo de leitores, especialmente jovens, que se aproximam delas não com mero espírito de curiosidade histórica, mas para descobrir a luz que ilumina uma autêntica estrutura espiritual e militante.

Pensamos que este fenômeno deve atribuir-se às características próprias do Movimento Legionário, que o diferencia com caracteres excepcionais no variado espectro dos movimentos nacionais surgidos na Europa entre as duas guerras mundiais.

Foi uma situação de grave crise (decadência das democracias burguesas e avanço ameaçador da revolução comunista) e que deu origem a estes movimentos. Seu denominador comum - além de diferenças as vezes notáveis - foi uma reação contra o caos, o que permitiu a Bardèche denominá-los de "movimentos de salvação nacional".

Mas esta reação - cujos sustentáculos ideológicos vão desde o conservativismo católico ou monárquico até os socialismos nacionais de inspiração mais ou menos pagã - foi, geralmente, parcial. Isso quer dizer, fechada dentro dos limites de um determinado plano político, econômico, talvez cultural.

Somente Codreanu - mesmo se nisso o acompanhe em parte a intuição genial de José Antônio - foi capaz de captar as raízes profundas da desordem e as exigências radicais do remédio. Por isso sua figura transcende aquela de um dirigente político, para projetar-se como síntese exemplar do Santo, do místico e do herói.

Para ele também o Movimento Legionário não é um partido - em absoluto - nem sequer um movimento "político" - na aceitação mais ou menos restrita do termo - . Achamos que seria exato defini-lo como uma Ordem ao mesmo tempo religiosa e militar - na mais nobre aceitação destas palavras - que procura a transformação revolucionária, ou a substituição to

tal de uma sociedade em crise mediante a instauração de uma nova ordem.

No entanto, a criação desta nova ordem não será obtida por uma simples mudança de estruturas externas (sociais, políticas ou econômicas), mas através da conversão interior dos seus militantes, para um estilo de vida que deverá configurar o homem novo - não no sentido utópico do marxismo, mas dentro da concepção paulina e cristã. (12)

Este homem novo nascerá do trabalho e da luta, do sofrimento e do sacrifício. Escutemos as palavras com que o próprio Codreanu refere-se a este homem que já era dentro dele uma realidade concreta:

"A pedra angular da qual parte a Legião, não é o programa político, mas o homem; a reforma do homem, não a reforma dos programas políticos. A Legião do Arcanjo São Miguel será, em consequência, mais uma escola e um exército do que um partido político.

(...) Um homem no qual se encontrem desenvolvidas ao máximo todas as possibilidades da grandeza humana semeadas por Deus no sangue da nossa raça (...).

Desta escola legionária sairá um homem novo, um homem com as qualidades de he-

---

(12) Sobre o conceito legionário do "homem novo", recomendamos ler: Horia Sima "O Homem Novo", Dácia, Rio de Janeiro; Ernest Bernea: Testemunhos para um Homem Novo", Dacia, 1970; Faust Bradesco: Les Trois Epreuves Légionnaires, Prométhée, Paris, 1972.

rói, um gigante da nossa história, que saiba combater e vencer todos os inimigos de nossa Pátria. Sua luta e sua vitória deverão estender-se ainda mais além, sobre os inimigos invisíveis, sobre as forças do mal". (13)

Sublinhamos esta última frase, claro indício da visão transcendental que o Capitão tinha sobre o combate em que se empenhou. O mal não se esgota nas formas externas de um sistema político falso ou injusto: está no interior do homem e tem raízes na ordem sobre-humana do espírito. Para ele só tem sentido uma luta que abranja toda a complexidade destes aspectos distintos. Codreanu é consciente disso e nos reitera nas páginas deste "Diário":

"A característica do nosso tempo é que estamos nos preocupando com a luta entre nós e outros homens, não com a luta entre os mandamentos do Espírito Santo e os desejos do nosso ser terrestre.

Estamos nos preocupando e gostamos das vitórias sobre os homens, não das vitórias contra o Diabo e o pecado.

Todos os grandes homens do mundo de ontem e de hoje: (...) estão preocupados muito mais por estes tipos de vitória. O Movimento Legionário faz uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação.

A responsabilidade de um dirigente é muito grande. Ele não deve deleitar os olhos de seus exércitos com vitórias terrestres, não preparando-os ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual o espírito de cada um possa coroar-se da vitória eterna ou da derrota eterna". (14)

Esta perspectiva transcende o combate terrestre, se vê iluminada com maior força ainda pela afirmação de que "a ressurreição dos mortos é o fim mais alto e sublime que pode ter uma raça, a qual, por consequência, é uma entidade que prolonga sua vida mais além da terra. À estirpe romena como à qualquer outra raça do mundo, Deus tem-lhe dado uma missão e tem-lhe mostrado um destino histórico. A primeira lei que uma raça deve seguir é aquela de caminhar sobre a linha deste destino, compreender a missão que lhe foi confiada". (15)

Corneliu Codreanu intuiu esta missão e consagrou sua vida para que sua Pátria fosse fiel ao destino histórico que Deus lhe mostrou. Consciente de que o empreendimento superava as forças humanas, confiou-o à custódia militante do Arcanjo São Miguel, guerreiro vitorioso sobre as forças do mal. Por ele, e porque acreditamos que o martírio é gerador de forças misteriosas, capazes de mudar o rumo da história, afirmamos que é viva e válida a esperança do Capitão, embora no mundo as trevas parecem ganhar terreno cada dia.

Alberto Escurra

Julho de 1974

---

(14) Diário, 4ª feira, 15 de junho

(15) Guardia de Hierro, pág. 370 e 371.

3a. feira, 19 de abril.

São 9 h. da noite. Conduzido por um capitão de gendarmes e por um suboficial, desço as escadas do Conselho de Guerra.

Fora, o carro da polícia. Cada vez que vejo esta viatura, sinto uma amargura no coração.

Abre-se a porta e subo. Dentro está escuro. Distingo a sombra de quatro soldados. "Carregar armas", escuto o comando do suboficial. Partimos. Passamos por ruas iluminadas. A um certo momento estou me dando conta de que me encontro em cima da ponte de Izvor, na altura da casa do Sr. General, onde, até poucos dias, tinha sido a nossa sede. E voltará a ser ainda, com a ajuda de Deus.

Viramos à esquerda e depois seguimos reto, ao longo da margem do Dâmbovitza. Estão me levando para Văcărești, penso eu. E passam as ruas, uma atrás da outra.

A um certo momento sinto que saímos de Bucarest. Não mais escuto barulho de carruagens, carros e bondes e não mais vejo luzes pelas frestas da janelinha.

O carro corre na estrada, no desconhecido.

Muito mais tarde é parado por um cordão de sentinelas. "Pare! Quem é ?". Deixem passar; é a polícia". Depois, por um outro cordão. Finalmente paramos. Desço em Jilava, em frente à chancelaria. Aqui é um forte da linha marginal de Bucarest, feito no tempo do Rei Carol I°, depois da guerra de 1877. Agora é prisão militar.

Aqui foram torturados Motza, Marin, Ciumeti, o Sr. General e centenas dos nossos, em 1933-1934.

Entramos na chancelaria. Após algum tempo chega o major comandante da prisão e dois oficiais da companhia encarregada da guarda.

Recebem instruções pelo telefone.

O capitão e o subofficial de gendarmes saem, despedindo-se de mim, lamentando. Duas almas nobres, que são uma exceção neste corpo dos gendarmes.

O major me pede a gravata. Depois o dinheiro, 1000 lei; estão me revistando os bolsos. Horroroso. Mas assim manda o regulamento. Parto com o tenente Mastacan, enquadrado por quatro sentinelas de baioneta calada.

Estou cansado.

Entramos no forte. Lá passamos por várias passagens com muitas curvas e compridas, todas escuras. Me vem de encontro um cheiro frio e úmido de mofo.

Fui introduzido num lugar abobadado, de aproximadamente 6 metros de comprimento por 4 metros de largura.

De um lado e de outro umas taboas assentadas em suportes de madeira, formam duas camas comuns, grandes. Uma janela com grades de ferro dá para uma parede do forte, a uns 10 metros. Em cima desta abobada há uns quatro metros de terra. As paredes externas têm uma grossura de 1,5m. No chão, asfalto.

Se fora encontrasse um homem que quisesse dormir, somente meia hora, numa destas abobadas, o impediria dizendo-lhe: "Não experimente, está se matando".

O subofical trouxe-me uma esteira e dois cobertores grossos. Colocou-os em cima das taboas. Nada para encostar a cabeça.

O tenente repara que é algo que falta da mais elementar humanidade. Sente-se envergonhado e se desculpa por ser este o regime. Pergunta-me se não tenho um boné para cabeça, pois vou sentir frio. De onde ia ter?

Disse-me algumas palavras boas e saiu, trancando a porta com cadeado. De baixo, de cima, das paredes grossas, de todo lugar flexas frias de umidade penetram no meu corpo. Parece que estas paredes estranhas, onde não se encontra nada familiar e não se vê qualquer pessoa amiga, estas paredes hostis, só esperam uma vida humana, para digerí-la, enviando suas milhares de flexas, como verdadeiros raios da morte, sobre o pobre condenado.

Deitei-me; uma noite comprida.

Páscoa, 1938 - 24 de abril

A umidade penetra nos meus ossos.

Respiro um ar de adega. Sinto o pulmão penetrado por agulhas, por balas.

Deito-me na cama de taboas. Doem-me os ossos. Fico cinco minutos de um lado, cinco minutos do outro.

Viro do lado esquerdo. Estou escutando o coração batendo. Ou pingam gotas de sangue dele?

Está escorrendo a vida do corpo cansado.

Oh, país! Como Você recompensa seus filhos!

Peguei no sono. Estou sonhando com Mamãe e Elvira Gârneatzã. Elvira me deu para beber u

ma caneca grande de água. Mamãe me disse: Estamos passando muito mal. Mudei para cá".(Estava numa aldeia das margens da cidade de Husi, do lado do Rio Prut).

Eu lhe falei: "Vou até em cima da colina, com Nicoleta e Horodniceanu e quando voltar, vou deixar-te algum dinheiro e não precisas te preocupar".

*

Tenho medo que algo possa lhe acontecer.

Ficou sozinha de novo. Um genro morto na Espanha, uma filha que ficou com duas crianças órfãs de pai. Eu na prisão. Outros quatro filhos, eles também presos ou prestes a serem presos. Atrás de um deles ficaram quatro filhos sem um pedaço de pão.

Meu pai saiu de casa para ir a Bucarest, para receber a pensão antes das festas de Páscoa e não voltou mais. Foi arrestado e levado para um lugar desconhecido.

Ninguem sabe do seu destino.

Em casa, para Páscoa, a mãe está nos esperando a todos, para passar as festas com ela. São tão poucas as alegrias de uma mãe velhinha, raramente e somente quando reune seus filhos.

Nossa casa, para a Páscoa, está vazia. Ninguem dos esperados. Nenhuma alma ao lado da mãe. Os estranhos, todos a evitam e, por medo, não mais entram na casa dela.

Palpita um coração sózinho e está nos esperando a todos pelas prisões, correndo atrás

de cada um pelas nossas celas para encontrar-nos. Para consolar-nos, para abraçar os nossos amargurados corpos.

Mas aonde, quando ninguem diz alguma coisa e não recebe qualquer notícia?

Oh, mãe, que choras sozinha pelos cantos da casa e que ninguem te vê, saibas que nós choramos por ti, neste dia de Páscoa, cada um em nossas celas.

*

Ontem, sábado, pedi que me mandassem um barbeiro para me fazer a barba; tinha crescido irregularmente numa semana, na face gelada. Veio o barbeiro da prisão, um pobre cigano condenado. Faz-me a barba e lavei o rosto pela primeira vez esta semana.

Espero a Ressurreição do Senhor.

Vou pedi uma vèla ao suboficial.Aqui não há onde comprar, mas talvez teria alguma a mais em sua casa.

Os dois oficiais, o tenente Mastacan e o tenente ... vieram também para fazer o seu serviço antes do toque de recolher. Especialmente porque na acomodação para onde fui trazido desde ontem não está funcionando a lâmpada.

Que infelicidade! Está me passando pela mente que seria um mau sinal.Pela primeira vez na vida terei que passar a Ressurreição sem luz. No escuro. Sózinho.

Mas os oficiais e o suboficial ... após várias tentativas acenderam a luz.

Trouxeram-me, também, uma pequena vela de cera, que me deram com especial boa vontade.

Eles, nos poucos minutos de visita regulamentar, duas ou três vezes por dia, não falam comigo.

Nem eles têm o que me dizer, nem eu lhes pergunto qualquer coisa. As suas únicas palavras são: "Precisa alguma coisa?" às quais eu respondo sempre "Não".

Mas, sinto nos seus olhos que eles entendem toda minha tragédia espiritual. Dão-se conta da importância da minha culpa e da responsabilidade de dirigir um movimento de mais de milhão de almas, no qual está se jogando o destino de uma nação, assim como das dores que estão passando pelo meu coração, por aqueles da minha casa e por cada um das centenas e mesmo milhares de legionários, que neste momento estão aceitando os mesmos duros sofrimentos.

Compreendem, também, a situação humilhante em que fui jogado. Pois, a privação da liberdade é uma coisa e o que se passa comigo, aqui é humilhação, é degradação, até o maximo do ser humano.

O que não compreendem, talvez, são as maquinações e todos os planos diabólicos que estão sendo preparados para minha destruição e do meu Movimento.

Procura-se, a qualquer preço, alguma coisa, para se arrancar uma condenação grande. Ou a reabertura, de alguma forma do processo Duca, ou o meu envolvimento no processo Stelescu, ou a qualificação do Movimento, até agora, de anárquico e terrorista e a tentativa de uma condenação por este motivo. Uma condenação se obtem fácil por ordem.

No entanto, a opinião pública poderá julgar com a sua consciência, a nossa inocência.

E o nosso sacrifício se elevará até o ceu, e Deus, o supremo Juiz, nos escutará também a nós.

Estou com a alma carregada de injustiças.

*

Deitei de novo na cama de tábuas. Estou esperando bater 11 horas da noite, quando o povo começa a partir para as igrejas. Estou me cobrindo com o sobretudo. Não posso me deitar de costas, porque me doi, mas não sei porque, não posso entender: a coluna ou os rins?

Pelas frestas entre as taboas, pela esteira e pelo cobertor, vem uma corrente de ar frio do chão cimentado, que passa também pela roupa e atinge as costas enfraquecidas.

Viro para o lado direito e puxo os joelhos até a boca. Doêm-me ás cadeiras. Tenho a impressão que sou todo pus. Não posso ficar de um lado mais que cinco minutos. De outro lado doi do mesmo jeito.

Estou pensando na "filha da mamãe" (Catalina). Como estará ela dormindo com os dedinhos na boca e sonhando com Papai Noel, que lhe traz brinquedos?

Nas festas de Natal dormiamos com ela na cama. De repente a escutei gritando no sono. Despertei-a: "que é que houve filhinha?". Papai Noel caiu de cima da casa com um saco de brinquedos". Um anjo inocente que não sabe todas as nossas dores. Completará apenas 4 anos.

Seriam 11 horas. Levanto-me, me lavo, visto o sobretudo. Sento na beira da cama e olho o deserto ao meu redor.

Estou sozinho.

Estou me lembrando: festejei a Páscoa na prisão em mais outras duas ocasiões. Em 1925 em Focşani e em 1929 em Galata.

Nunca porém estive tão triste, sentindo tanta dor e cheio de tantos pensamentos.

Tomo o livro de preces e começo a ler. Rogo a Deus por todos. Pela minha esposa, com tantas dificuldades e cheia de dor, pela minha mãe, que outra vez deve ter recebido visita dos comissários de polícia de Huşi e a tenham maltratado, procurando por meu pai, que deve estar em, quem sabe, que cela, nesta noite; pelos meus irmãos, também.

Depois para os combatentes legionários, velhos e moços, estes heróis e mártires da fé legionária, levados de suas casas para quem sabe que prisões.

Quanta tristeza e quantas lágrimas não haveriam agora em centenas de famílias romenas.

Rogo depois por todos os mortos. Avós e parentes, assim como amigos que em vida me amaram e me ajudaram.

Vejo todos, um a um. Eis o Senhor Hristache... e, por último, me aparece Ciumeti, com o grupo de legionários mártires caídos no seu tempo.

Na frente deles, grande, vejo sua figura como numa tela... velho, velho há meio milênio, com cabelos longos e com a coroa na cabeça, Estevão, Senhor da Moldávia.

Rogo por ele. Ele me ajudou em tantas e tantas lutas.

Eis o nosso General, o herói legendário, com a sua série de mártires legionários, com aqueles caídos nas últimas lutas.

Ei-lo, ao lado do General, de camisa verde e com cinturão, Marin, o herói dos campos espanhóis.

Motza, irmão querido Motza, parte-me o coração quando te vejo. Partimos nós dois juntos, eramos quasi crianças, há 15 anos, para esta luta. Vejo-te agil e temerário. Enfrentando as adversidades. Penetrando com teus olhos de aço o coração dos inimigos.

Vejo-te mais tarde, encoberto de dificuldades e pobreza, num País em que, mesmo para Ion Motza não se encontrava pão. Para conseguir este pobre pão, na Romênia, toda sua inteligência não era suficiente; era-lhe necessário também um coração de traidor.

Vejo-te trabalhando desesperadamente. Vejo-te obtendo sucessos brilhantes nos exames, na imprensa, nos tribunais, na cátedra.

Vejo-te arrastado para a prisão. Humilhado e cheio de amargura. Vejo teus ombros caídos e a alma enlutada de tantos ataques pérfidos. Vejo-te tremendo e chorando por mim.

Vejo-te partindo para a morte. Para dar a esta Estirpe a prova suprema. Para nos libertar, a nós, pela tua morte. Para abrir com teu peito esfacelado, com tuas pernas quebradas o caminho da vitória de uma geração.

E, olha agora para nós, querido Motza. Eu estou jogado como um cão aqui... em cima des-

tas tâboas. Sinto os ossos doloridos e meus joelhos tremem de frio.

Todos os nossos, toda a flor desta Romênia, está caída. deitada em, quem sabe, que prisões.

Senhor, rogo-te nesta noite da Ressurreição, recebe meu sacrifício.

Tome a minha vida. Pois a ti, oh, País! não te são necessárias nossas forças, tu queres nossa morte.

Teria passado da meia-noite. Talvez seja uma da madrugada.

Não escutei os sinos tocando a Ressureição.

Acendo a vela e digo: "Cristo Ressuscitou!"

O povo, nas aldeias e nas cidades, volta para casa com as velas acesas. Todos os nossos, as nossas famílias, choram esta noite.

*

Abri uma lata de sardinhas e comi uma delas. Desde 2a. feira à noite não comi mais.

Bebi meia caneca d'água.

Encolhido em cima da esteira, peguei no sono...

4a. feira, 27 de abril

Passaram, também,os três dias de Páscoa.

Ninguem dos meus conhecidos veio para me visitar; certamente, não receberam a devida permissão, ou, talvez, eles também estejam presos em algum lugar.

O tempo passa com muita dificuldade quando se está só. Nesta abóbada só entra um homem três vezes por dia, um minuto de cada vez: de manhã, na abertura,ao meio dia quando me trazem a comida da prisão,e à noite.

O sol penetra neste buraco somente alguns minutos, às 5 horas da tarde, e, nesse instante, somente num canto da janela.

Passo o tempo sentado, encolhido na beira da cama, escrevendo de vez enquando estas linhas, em papel de embrulho.

Aqui não há mesa, nem cadeira. Uma ponta de lapis, esquecida num bolso, está no fim. Com dificuldade a seguro entre os dedos. O restante do tempo passo deitado em baixo do cobertor.

Mas esta umidade passa também pelo cobertor e pela roupa. Há uma semana que estou aqui; não tirei a roupa do meu corpo, nem fui levado para fora, ao sol, nem uma meia hora, para me esquentar.

Ontem veio o major médico, Dr. Holban. Um homem admirável. O mesmo que cuidou dos nossos em 1933. Conhece todos.

Embora não queira me queixar à qualquer pessoa nem pedir qualquer coisa, disse-lhe que estava sentindo dores na coluna,em baixo e nos ombros. Respondeu-me, rindo amigávelmente: "Isto se chama "prisioneirite" e não tem qualquer tratamento".

Esta noite sonhei com Motza, que me falou: "Me liberaram, eles também estão envergonhados. Agora vou partir para Craiova". Saiu, subiu num taxi e partiu.

Vi, depois, o Sr. General. Estava vestindo a camisa verde, com a qual tinha partido para a Espanha. Tinha chegado a mim com meu pai, o Coronel Zavoianu e Garneatza. Dava gargalhadas por que me encontrou sem roupas.

*

Penso sempre onde estariam os outros. Será que suas famílias os encontraram? Estariam espalhados em diversas prisões pelo País? Ou concentrados em um campo? A quem perguntar? Ninguem fornece qualquer informação.

Nos jornais nem ao menos foi comunicada a prisão deles. Nada. A única coisa que se sabe é que na mesma noite que levaram a mim, foram levados eles também e conduzidos ao Liceu Mihai Viteazul, onde foram guardados por um dia. Depois colocados em carros e levados em direção desconhecida. Entre eles se encontram: meu pai, Coronel Zavoianu, Polihroniade, Simulescu, Vasile Cristescu, Radu Budisteanu, Vergatti, Alexandru Cantacuzinó, Cotigá e quatro padres: Prof. Univ. Pe. Cristescu, Pe. Duminecá Ionescu, Pe. Georgescu-Edineti, e Pe. Andrei Mihailescu, que não tem outra culpa de que aquela de ser pároco da igreja à qual pertence a nossa séde. Ele não foi inscrito no Movimento Legionário, assim como não o é o Pe. Georgescu-Edineti, pároco da igreja dos estudantes.

Suponho que o número deles, dos que foram levados em Bucarest, passa de 100, professores, advogados, médicos, engenheiros: a flor da intelectualidade romena.

Nenhum deles tem qualquer culpa. Estão sendo presos e levados sem ordens de prisão do juiz, fora da lei, por cima da lei, contrariamente a quaisquer princípios de humanidade.

*

Tanto foram invadidas as pobres casas dos legionários, que para restabelecer a justiça, na futura Romênia legionária, o nome de legionário deve se tornar sacro. Nenhuma força pública deverá poder entrar em sua casa.

Em caso de algum delito, somente o seu chefe hierarquico poderá penetrar em sua casa ou dispor a sua prisão.

É um direito à reparação que é indiscutível, que merecem os portadores deste nome tão enxovalhado, pisado e injustiçado hoje.

6a. feira, 29 de abril

Oh, Deus, que longo é o dia.

Domingo, 1º de maio

Ontem, pela primeira vez, fui levado para fora desta cova.

Os meus pés se atrapalhavam.

Entre quatro soldados, com as baionetas caladas, fui levado até a chancelaria. Lá estava me esperando o Cap. Promotor Atanasiu.

Fiquei amedrontado. Pois não mais confio na justiça.

A justiça que julga conforme a "ordem" e não conforme a consciência, não existe.

Interrogou-me demoradamente. Desde às 6 horas da noite até as duas da madrugada.

Ao lado, num quarto vizinho, escutavam-se vozes de crianças e vida de família.

Tive a impressão que nunca mais viverei tais dias. E aquelas vozes de crianças lembravam-me de Catalina, "filha da mamãe". Parecia que fosse uma despedida que o mundo preparou para um, que nunca mais voltará para ela.

E o capitão me perguntava ininterruptamente. As suas perguntas giravam em redor dos seguintes pontos:

O Partido "Tudo pelo País" ("Totul pentru Țară") é a ex-guarda de ferro dissolvida? Os juramentos dos legionários, o significado da palavra "Capitão". O juiz legionário se sobrepõe ao juiz do Estado?

As ordens secretas do Ministério, referentes à campanha eleitoral e as medidas contra minha organização.

Qual era a finalidade do corpo dos ex-militares? E do corpo Motza-Marin?

Apologia do crime, com distinção e com a cruz branca concedida aos rapazes presos.

A associação secreta. Associação "Amigos dos Legionários".

E nesta ordem o caso Duca. Se não teria sido eu, por acaso, quem ordenou o "seu assassinato". Então parecia uma tendência de reabertura desse processo, do qual fui absolvido por unanimidade, como a melhor prova da nossa inocência, a minha, do Sr. General e dos outros camaradas.

O Senado da Legiã o regulamento preparado pelo Sr. General q... daria à organização um caráter para-militar.

Mas aqui não se trata de qualquer processo em que se fosse julgado humanamente, mas de uma perseguição carente de justiça, de legalidade e de humanidade: no qual somente Deus pode ainda intervir com Suas forças.

As 2 h. da madrugada volto, entre as mesmas baionetas, ao lugar de descanso.

E sentirei saudade da "filha de mamãe". No caminho, na volta, outra vez pensava que nunca mais sairei daqui. Senti de repente uma grande saudade da filhinha. E andando entre as sentinelas, murmurava: "e sentirei saudade da "filha da mamãe". E sentirei saudade da "filha da mamãe".

Está encolhendo o meu coração de dor.

Hoje, 2a. feira, 2 de maio, voltou. E o interrogatório acabou.

5a. feira, 5 de maio

Estou ainda aqui, nesta triste cela.

Estou sózinho, hora após hora, e dia após dia.

Não vejo rosto de ser humano, senão na hora que me trazem alguma comida.

De casa não veio mais ninguem, por que não mais foi permitido.

Ouvi que numa outra ala, pior do que eu, está meu pobre irmão Horia. Amanhã começa o julgamento do processo dele. Que Deus o ajude. Rogo por ele. Ele não pertence ao nosso Movimento e não sei por quais motivos foi preso.

Pelas 4 das tarde veio o sub-oficial encarregado do encarceramento, registrou-me nos livros da prisão, na qualidade de condenado a 6 meses, informando-me que serei liberado em 15 de outubro.

Que bom seria se não fossem as maquinações que estão sendo preparadas, mas espero que Deus as dissolva, com a sua luz vitoriosa.

*

Também hoje, 5 de maio, tive a primeira alegria, ou melhor a segunda, pois a primeira foi quando me foi entregue a mala nos primeiros dias.

Entregaram-me um pacotinho, recebido de casa, contendo presunto, peixe frito, dois saquinhos de queijo "Lica" e dois pães brancos, frescos.

Também um boné de pele de carneiro, um casaco de pele de carneiro com mangas, dois

pares de meias de lã e uns chinelos. Alegrei-me: um sinal dos meus.

Não pude vê-los, mas o sinal está me aquecendo o coração.

"Cojocul" (o casaco de pele de carneiro) me protegerá contra o frio. Até agora, em 15 dias, acho que não comi mais do que um pão neste tempo todo. Dormi vestido. Não fui levado para fora nem 5 minutos por dia. Fui atacado pelas pulgas e os piolhos que me picam a noite toda.

Domingo, 8 de maio.

Ontem a noite veio o juiz de instrução do processo, Major Dan Pascu e me comunicou que serei julgado por "traição". Fiquei atônito. Depois explicou-me que eu era acusado de ter guardado e de ter publicado atos secretos, de interesse da Segurança do Estado e que isso se enquadrava no artigo 191 do Código Penal sob o título de "Traição".

Interrogou-me sobre as seis ordens, emitidas pelos prefeitos de Distritos (Judet) ou por Comandantes de Legiões de gendarmes para seus subalternos, todas elas referindo-se a chicanas políticas - eleitorais - dirigidas contra minha organização. Nenhuma destas ordens são de interesse do Estado Romeno.

Uma destas ordens é do prefeito do Distrito de Prahova, endereçada aos diretores de indústrias, judeus do Vale do Prahova, pedindo-lhes demitir os legionários. Outra, do General Bengliu, interessando ao corpo

da Gendarmeria, que me foi trazida por alguem dos círculos nacional-camponezes, do Corso ou do Athené Palace Hotel.

Voltei de novo à minha cela, com o coração espetado por flechas.

Eu, o chefe do Movimento Nacionalista-Legionário, ser julgado por traição.

Não comi mais nada. Peguei no sono muito tarde, na minha cama de tãboas de madeira e me revirei a noite toda. De manhã,despertei gritando no sono: "Escuta, caro Motza, serei julgado por traição!"

*

Deus, Deus, que longo é o dia.

Horas a fio e dias inteiros não troco uma palavra com quem quer que seja.

Que será que estão fazendo à minha esposa e filha? Escutei que estão presas guardadas na Casa Verde. Não posso imaginar porque. Talvez para não virem me visitar.

E o meu pobre pai em que campo estaria? Teria chegado alguem até ele para levar-lhe alguma coisa para comer e para se cobrir? Não sei de nada.

E a pobre mãe, como suportaria este novo peso? Pois nossa casa pacata, escondida sob as árvores de damasco florido,desde 1922 para cá é só um campo de buscas domiciliares a meia noite e de tristezas. Passar aflita de quarto em quarto sem encontrar ninguem dos seus, sem saber do destino deles, en-

quanto seu coração de mãe lhe diz que eles se encontram nos mais pesados sofrimentos, que as suas vidas lhes são cheias de choro e suspiros.

Vejo como leva as duas mãos para cobrir o rosto e chora. E sinto como está partido o seu coração.

Deus, Deus, tantas dores em nossa casa! Há tantos anos!

2a. feira, 9 de maio.

Hoje veio de novo o major Dan Pascu. Fui levado de novo, entre as baionetas, até em cima, na chancelaria.

Quando fui para fora e senti o sol, o ar e o calor, senti um alívio. Parecia que, por entre as baionetas que me levavam, o ceu estava me bendizendo.

O major informou-me que a instrução do processo acabou. Que devo escolher os advogados de defesa. Quem iria me defender? Quando todos os nossos advogados estão presos, sei eu quem aceitará me defender? Fiquei de pensar até 5a. feira. Foi-me dito que foi publicado nos jornais o ato de acusação do Capitão Atanasiu. Que teriam dito os rapazes, todos meus amigos e parentes, quando leram isso? Como devem ter chorado, a minha mãe e minha pobre esposa! Julgado por traição!...

Voltei para essa cova cheio de frio e fiquei pensando. Não tenho qualquer pessoa para me aconselhar.

As infelizes ordens dos gendarmes e da polícia com caráter político, afetam elas à idéia de Segurança do Estado? Enquadram-se naqueles artigos terríveis 190, 191 do Código Penal, que prevem entre 5 e 25 anos de trabalho forçado? Fico, e me inquieto sozinho.

Pedirei papel, farei um requerimento ao comandante da prisão para que permita à minha esposa me ver em vista da preparação da minha defesa. Mas como vir se está vigiada em casa? Ela também deve estar inquieta. Deve se preocupar sozinha com a pobrezinha "filha da mamãe". Nenhuma esperança de auxílio de qualquer lugar. Um único apoio: Deus e Nossa Senhora, Mãe de Deus.

3a. feira, 10 de maio

Desde que estou aqui nesta situação difícil, não aborreci quem quer que fosse, com qualquer pedido. Hoje enviei o seguinte requerimento ao senhor comandante da prisão.

Senhor Comandante,

"O abaixo assinado, Corneliu Codreanu, na qualidade de preso, pede respeitosamente à V.Sa. que tenha a boa vontade de encaminhar o meu pedido as autoridades militares de direito, para deferimento.

Tendo acabado a fase de instrução e tendo se iniciado a ação pública, com base no art. 191 do C.P., peço que seja permitido à minha esposa me visitar, sendo-me urgentemente necessária esta visita, para preparação do meu processo, nomeação dos advo

gados, etc., tendo em vista que este processo deverá ser julgado em conformidade com os critérios de procedimento rápido do Código Penal.

Em consequência disso, pelas necessidades da minha defesa, peço que permita a minha esposa vir a mim.

Ao mesmo tempo peço a V.Sa. que permita o envio do seguinte telegrama endereçado à minha esposa.

Peço que V.Sa. receba os protestos do meu profundo respeito.

3a. feira, 10 de maio de 1938.

Corneliu Zelea Codreanu

6a. feira, 13 de maio

Ontem veio novamente o major Dan Pascu. Deveria ser cumprida a última formalidade para conclusão da instrução do processo.

Mas, para minha surpresa, foi iniciada ação pública contra mim, por dois delitos:

I. Armei cidadãos do país, procurando provocar revolução social na Romênia.

II. Tenho-me colocado em contato com um Estado estrangeiro, para provocar revolução social na Romênia.

Bem entendido que nemhuma destas acusações contém a menor parcela de verdade.

Que terrível é se agitar sob acusações injustas!

Deus vê tudo isso.

Fala-se que 2a. feira será feita a úl tima formalidade da instrução e será fixa da a data do julgamento.

Estou esperando agora o Domingo. Talvez venha alguem dos meus a mim.

Ouvi que o meu irmão Horia foi condenado à um mês de prisão e está também incomunicável, numa situação pior que a minha. Que está muito fraco. Parte-me o coração de dor por ele. Rogo a Deus que aju de à ele também.

Ontem à noite tive um visitante. Quando vieram me trazer a comida, enfiou-se por entre as pernas do suboficial um cachorro. Depois de me trancarem de novo, ele saiu de baixo da cama.

Comeu comigo: Dei-lhe do que tinha e ficou satisfeito.

Falei com ele e se deitou no chão de cimento. Estiquei-me, eu também na minha esteira. Chamei-o para subir. Subiu e se deitou ao meu lado, após ter-me lambido a mão. Seria um sinal de sorte para mim.

Ficou quetinho. Sentia ao meu lado o sôpro de um ser.

Pela meia noite quis sair para fora. Levantei-o e saiu pelas grades da janela.

Domingo, 15 de maio

Passou o Domingo também e ninguem veio a mim.

No almoço me trouxeram de casa uma sopa quente de galinha numa garrafa térmica, assado e pão branco. Talvez os trouxeram minha mãe e minha esposa. Que se passaria na alma e na cabeça delas?

Experimentei algumas colheres da sopa quente, mas a fraqueza do corpo e as dores da alma não me permitem comer.

Assim sinto secar em mim, hora após hora, a minha carne. Cresce porém em mim a fé em Deus. Faço as minhas preces todo dia à N.S. Mãe de Deus e a St° Antônio de Pádua, pelos milagres de quem, escapei em 1934.

Nestes momentos de tormenta são o meu único alívio.

2a. feira, 16 de maio

Hoje de manhã veio o major Dan Pascu e, por fim, acabou o calvário da instrução.

A cada momento espero que apresentem quem sabe que mais outros documentos falsos e que acusações me jogam nos meus ombros enfraquecidos.

Foi-me dito que estes dias permitirão à minha mãe e a minha esposa virem me visitar, para que possa preparar minha defesa.

Penso: que irão dizer quando virem quanto estou magro? Como vão chorar?

E vão compreender os sofrimentos físicos e especialmente morais aos quais fui submetido?

Depois me deixaram ficar uma hora no páteo. Está tão quente lá fora...Passei al-

guns minutos, mas o sol amoleceu todos os meus ossos e não mais fui capaz de ficar em pé.

Sentei numa esteira e fiz uma prece, depois da qual me deitei e fiquei assim até passar aquela hora.

Agora estou de novo dentro. Que frio e quanta umidade.

Estou me sentindo muito fraco.

Agora é noite. Parece-me que passou tanto tempo desde hoje de manhã! Não há pessoa alguma com quem trocar uma palavra.

Um pardal construiu seu ninho no caixão da janela. Volta ele também para dormir. Dou-lhe sempre migalhas de pão.

Estou esperando que venham com a comida. Mas nem com eles me é permitido falar.

Vêm sempre o tenente que está em serviço e o sub-oficial.Não lhes é permitido conversar comigo. No entanto, tanto eles, como o comandante da prisão me tratam com tanta delicadeza que para mim é um alívio. O militar, coitado, esta criatura superior, que cumpre corretamente o seu dever, executando exatamente as ordens recebidas, mas em cujo olhar não se encontra nenhum impulso e nenhuma maldade. Elegância de espírito. A escola do exercito romeno.
Que bonita ela é!

3a. feira, 17 de maio

Hoje às 10h, entrou o tenente e me disse: "Vamos para cima, veio a sua familia".

Calcei rápidamente os sapatos e partí, desta vez só entre duas sentinelas, procurando fortalecer as minhas pernas enfraquecidas e pensando em aparecer mais forte.

Quando cheguei em cima, saiu à minha frente " a filha da mamãe". Tomei-a nos meus braços e beijei seu rosto e seus olhos, apertando-a ao meu coração.

Lá estavam minha mãe e minha esposa. Abraçaram-me as duas e começaram a chorar. coitada de minha mãe, tinha as mãos geladas.

15 minutos se passaram num segundo.

Perguntei sobre meu Pai.

Ele está preso no campo de concentração de Miercurea Ciuc. Ninguem pode mais vê-lo.

Os outros três irmãos estão livres, exceto Horia, condenado a um mês de prisão.

Não sei mais o que falamos. Lizeta Gheorghiu mostrou-me a lista das testemunhas e dos advogados. Disseram-me que amanhã serei levado ao conselho de guerra.

Despedi-me com o coração despedaçado.

Doe-me a dor deles.

6a.feira, 27 de maio

Há uma semana, às 4 horas da madrugada fui despertado e levado ao Conselho de Guerra, para estudar as pastas do processo. Lá fiquei acomodado mais humanamente, num quarto com cama.

Tive cortato com os advogados todos os dias.

6a.feira, Sábado e Domingo foi preciso estudar 20 pastas de laudos; coisa incrível.

Três dias para procurar encontrar contraprovas: livros, jornais, debates parlamentáres, publicações estrangeiras. Juntar material, ordens, instruções, circulares, documentos espalhados, quem sabe por onde. E isso tanto mais difícil quanto todos os seus, todos que trabalharam com você estão presos ou internados em campos de concentração, ou escondidos para não serem presos também. Correram os coitados rapazes, jovens advogados legionários, como as abelhas nesses três dias.

Os grandes advogados, todos recusaram me defender, Radu Rosetti, Vasïliu-Cluj, Paul Iliescu, Mora, até mesmo Nelu Ionescu, Petrache Pogonat, Ionel Teodoreanu, por medo de serem internados em Campos de Concentração. Medo e covardia.

Por esta razão expresso toda minha admiração para com os advogados: Hentzescu, Radovici, Ranetescu, Paul Iacobescu, Lizeta Gheorghiu, Caracas, Horia Cosmovici, Zamfirescu, Coltzescu - Cluj... e para toda esta juventude heróica, que enfrentou a tempestade.

2a. feira de manhã foi aberta a primeira sessão. O Tribunal Militar estava composto pelo Presidente da la. Seção, Coronel Dumitru e quatro oficiais ativos.

Foi lida a lista das testemunhas; faltavam todos aqueles que estavam nos campos de concentração, ou seja, os homens com os quais tinha trabalhado, as testemunhas de

fato. Foi solicitado o adiamento e que sejam trazidas essas testemunhas.

O Tribunal rejeitou a solicitação da defesa.

Foi lida a ordem definitiva.

Cheia de paixões, de maldade e de inverdades. Afirmações gratuitas, totalmente sem comprovação, carentes de boa fé, de correção e destituida de honra.

Depois do almoço, das 5h. até a meia-noite, falei eu, durante 7 horas ininterruptamente, desfazendo uma após a outra todas as acusações que me eram feitas.

No dia seguinte apareceu no jornal "UNIVERSUL", palavra por palavra, tudo que falei, fora a sessão secreta e a questão sobre os depositos de armas, que, por ter-se envergonhado, a censura as proibiu.

3a.feira, fui interrogado pelo Promotor, a quem respondi ponto por ponto. Em resumo, fui levado ante o Juiz por traição, artigos 190, 191, posse e publicação de atos secretos, de interesse da Segurança do Estado, baseando-se em 6 ordens da polícia e da gendarmeria de natureza eleitoral; pelo artigo 209, relações com uma potência estrangeira, para receber instruções e ajuda, com a finalidade de desencadear a revolução social na Romênia (baseando-se em uma carta falsa, que não me pertencia, que nunca na vida tinha visto); pelo artigo 210, armar a população, para declarar a guerra civil, sem fundamento nenhum.

No último momento, isto é, 10 minutos antes de ser dada a palavra ao Promotor,

por um verdadeiro milagre de Deus, se descobriu o autor da carta, pela qual era eu acusado. Um advogado, Marinescu de Ramnicul Vâlcea, lendo a carta, viu que ela continha duas ideias : 1 - A idéia de "economia automática" e "enriquecimento mutuo", palavras, definições e pensamentos que nunca me pertenceram; 2 - A idéia de uma " aliança econômica".

Lembrou-se que tinha lido em algum lugar tais coisas. Partiu para Râmnicul Vâlcea e realmente, achou o livro recebido com a dedicação manuscrita do autor.Na capa se encotram sob o título as palavras: "Econômia automática", e no seu contendo, em várias páginas, explica este novo sistema econômico.

No fim do livro, em umas 20 páginas,depõe sobre uma outra idéia: "aliança econômica", um crédito internacional, um " ofício internacional", etc. e, como último por nossa sorte, a caligrafia, da dedicatória, é a mesma caligrafia da carta pela qual eu era acusado.

Todos os advogados se comovem na frente deste milagre e pedem ao Presidente do Tribunal que seja chamado o autor do livro como testemunha, Sr. Rădulescu-Thanir.

O Presidente rejeita o pedido.

Uma parte dos advogados vão procurar este senhor. Ele reconhece que escreveu tal carta. Vem até a porta do Tribunal, mas é impedido de entrar. Levanto novamente a questão: "Senhor Presidente e Egregio Tribunal, foi descoberto definitivamente o autor da carta pela qual eu estou sendo acu-

sado. É o Senhor Rădulescu Thanir, colaborador no periódico "Neamul Românesc"; não o conheço pessoalmente. Não sei o mistério pelo qual esta carta chegou até mim. Ele reconhece que é dele, que foi ele quem a escreveu. Chamem-no para dar suas explicações. Tomem as providências que acharem cabíveis".

O Presidente rejeita o pedido.

Finalmente os meus 7 advogados pronunciam o discurso final de defesa. Impecável. É 5a. feira à noite, meia noite quando o Tribunal entra em recesso para deliberar.

Sou levado ao quarto e, e, meia hora, para o carro de polícia e conduzido à Jilava.

Estou tranquilo e com a consciência em paz . Sei que não tenho nenhuma culpa.

Nenhuma das acusações que me foram feitas ficou em pé.

Eis-me de novo em minha cela. Deito-me.

Pelas 4h. da madrugada desperto com barulho de passos e de fechaduras que se abrem. Levanto-me. Entra o procurador, Major Radu Ionescu, o escrivão Tudor, o comandante da prisão e os outros oficiais da guarda.

O escrivão lê: "O Tribunal Militar respondeu afirmativamente a todas as perguntas. Está condenado a 10 anos de trabalhos forçados".

Fica mais alguns minutos e olha para mim. O major abre os olhos e levanta os ombros. Partem todos.

Frente a grande injustiça que me golpeia estou tranquilo com a consciência em paz.

Abro ao acaso o livrinho de orações à Santo Antônio. Abre-se na pag.119.Leio:"Faça para que receba com tranquilidade qualquer coisa que Deus nos manda, compreendendo que é a sua vontade."

Domingo, 29 de maio

Tenho saudades de Carmen Sylva*. Da praia, do mar. No ano passado, nesta época,estava lá e estava preparando com Totu, a reabertura do comércio legionário.

Agora estão se reunindo de novo os negociantes e a vida recomeça. Enquanto isso em nosso acampamento crescerá o mato e os espinhos que vão cobrir o nosso trabalho.

Onde o ano passado era só movimento e vida, cheia de saúde, de alegria, agora se alastra o deserto. No entanto acredito que a grande multidão que vai lá em todas as férias, se lembrará de mim.

Quando voltei do processo, no dia seguinte, no ninho do pardal da janela haviam nascido os filhotes. O pardalzinho corre o dia todo e lhes traz comida. Olho para ele. Toda vez vem com o bico cheio. Há tanto barulho no seu pequenino lar e tanta felicidade...

---

* Estação balneária no Mar Negro, no litoral da Romênia.

Notas do Processo.

O tempo todo fui guardado sob uma vigilância extremamente séria e pouco comum. No lado de fora da porta haviam permanentemente dois gendarmes de guarda, e no quarto, comigo, um suboficial. Do mesmo modo, o tempo todo e em qualquer lugar, havia um suboficial perto de mim.

As discussões com os defensores, a preparação da defesa, que em todo mundo foi secreta, fizemos na presença deles e de mais dois agentes de polícia.

Os advogados, para poderem chegar até mim, passavam, começando pelo portão, por quatro cordões de segurança, sendo-lhes feita revista corporal em cada um. As salas estavam cheias de agentes, que espionavam os defensores, as testemunhas e os Oficiais.

Sempre que duas pessoas estavam falando qualquer coisa entre si, imediatamente chegava o terceiro: o agente, o espião ... Uma atmosfera supercarregada, abafada, flutuava entre os muros do Conselho de Guerra e fora dele.

Cada advogado ou cada testemunha espera cada momento ser levado, preso, levado a um campo de concentração.

Foram levados do banco da defesa advogados que naquele momento eram assimilados aos magistrados.

Os advogados: Cel. Radulescu e Vlasto.

Foram presos ainda: Corneliu Georgescu, Stãnicel e Popescu Buzãu.

Os advogados do interior, que se inscreveram por telegrama, tiveram as suas casas revistadas na mesma noite e foram avisados que se deixarem a cidade, serão presos e enviados para campo de concentração.

Em fim, com grande dificuldade, puderam obter a autorização para atuarem no processo. No momento em que começou a defesa não mais foram admitidos. As mesas desta vez estavam vazias.

Além dos sete advogados determinados a falar, os restantes não mais puderam entrar na sala.

Enquanto a acusação final do Promotor, feita por outros e lida por ele, foi publicada imediatamente em edições especiais, por ordem de cima,sob a ameaça do fechamento dos jornais e foi lida por extenso no rádio, a palavra da defesa foi escutada pelo Conselho numa sala vazia e foi mencionada só em 3-4 linhas na imprensa.

A defesa foi impecável.

Horia Cosmovici, Hentzescu, Radovici, Lizeta Gheorghiu, Iacobescu, Ranetescu,Caracas, toda minha admiração para vocês, queridos amigos. Também para todos os outros que não faltaram em estar ao meu lado, que trabalharam, que agitaram e tremeram esperando a justiça.

Na última palavra falei:

"Egrégio Tribunal, têm em suas mãos não a minha vida, que a dou com alegria, mais a honra de toda a juventude da Romênia. Acredito na Justiça Militar do meu País".

O Tribunal tinha que responder a três questões:

1 - Posse e publicação de documentos secretos, enquadrada no art. 190-191.

Ora, foi demonstrado até o óbvio,que as ordens, as 6, tinham carater político. Eram simples ordens de acompanhamento policial, dos membros da minha organização. Que elas não se referiam em qualquer coisa à "Segurança do Estado". Que tais ordens foram lidas no Parlamento, foram publicadas nos jornais, que os homens políticos possuiam tais ordens. Senhor Maniu num só ano, declarou, teve 16, que publicou num memorando.

Em fim, que o art. 190-191 está no capítulo "Crimes contra a segurança exterior do Estado" e que a palavra "segurança do Estado", do art. 190, refere-se à segurança exterior, que tais ordens não podem ser enquadradas no crime de " traição ".

II- O Tribunal tinha que responder a segunda questão:

Fiz contato com um Estado estrangeiro, para receber ajuda e instruções com a finalidade de desencandear a revolução social. Afirmação baseada numa falsa carta que não me pertenceu.

Descobriu-se o autor da carta. São acusações injuriosas e de má fé. (art.209).

III- O tribunal tinha que responder à crime de armar a população, com a finalidade de fazer guerra civil, golpe de Estado, etc.(art.210).

Ora, demonstrei com princípios, com fatos, com documentos e com testemunhas que nunca nos passou pela cabeça em qualquer tempo fazer eclodir uma guerra civil. Mas não só isso: nem provocar a menor pertubação que fosse. O perigo do Leste (o bolchevismo) estando na espreita, esperando qualquer erro nosso, seguindo-nos todos os passos era suficiente para não pensarmos nisso.

No entanto o Tribunal, sem ter nenhuma prova, nem a menor que fosse, respondeu afirmativamente a todas as questões, condenando-me a 10 anos de trabalhos forçados.

Uma grande injustiça!

Que Deus receba também o meu sofrimento, pelo bem e para prosperidade do nosso povo.

Dor ao lado de dor, sofrimento ao lado de sofrimento, tumulo ao lado de tumulo, assim venceremos...

6a.feira, 3 de junho

continuação das notas do processo. Campanha de ódio.

Não sei se jamais houve, na vida pública da Romênia, um homem que tenha sido atacado com tanta furia, paixão e má fé pela imprensa toda e por todos os grêmios judeu - políticos, como fui eu desde a minha detenção, durante todo o tempo da instrução do processo, em vista da preparação da condenação, perante a opinião pública.

Não houve qualquer outro, durante o passado político romeno, sobre quem se tivesse concentrado tanto ódio. Ninguem recebeu tantos golpes sem ter possibilidade de defesa, sem que alguem o possa defender.

"Buna Vestire" e "Cuvântul" foram abatidos desde a primeira hora, sendo suspensa a sua aparição.

Nae Ionescu está também em campo de concentração.

Os outros atacam com fúria, alguns por tática, outros por ordem.

Os ataques eram comunicados oficias do Ministério do Interior.

Quem tivesse recusado publica-los ou ousado discutí-los, ou sequer contrariá-los, teria sido fechado.

Destacaram-se pelos seus ataques covardes nos jornais, "Curentul", "Neamul Romanesc" e"Capitala", respectivamente, Seicaru, Iorga e Titeanu.

A CONDENAÇÃO DA IGREJA

Não sei se devia chamar assim o discurso do Patriarca Miron Cristea à juventude, no qual ele condena com palavras pesadas o Movimento Legionário da juventude. A Igreja Ortodoxa toma atitude frontalmente hostil à juventude romena.

Passa por diante dos meus olhos a condenação que a Igreja Católica, pelos seus bispos, jogava sobre o Movimento Nacional da Alemanha, um ou dois anos antes da vitória de Adolf Hitler.

De qualquer maneira, é penoso, é extremamente penoso!...

Lutar pela Igreja da sua Pátria, nos confins do mundo cristão.

O fogo que está queimando as igrejas da vizinhança, está se alastrando até nós.

Lutamos, sacrificamos, caimos, o sangue escorre dos nossos peitos, para defender às igrejas... e a Igreja nos condena como "os perigosos do Povo", como " errantes", como"estranhos ao Povo".

Que tragédia em nossos corações!

Um pequeno exemplo para perceber a nuance desta tragédia.

Uma criança que há muito tempo não via seu pai, corre na direção dele para abraçá-lo. A criança se aproxima, o pai olha friamente para ela e lhe dá umas palmadas na face e na boca e tira-lhe dois dentes.

Não podem imaginar o abalo psiquico, a tragédia que se passa na pobre alma da criança, enfrentando este inesperado golpe.

A decepção, a vergonha, a dor física,a resposta ao mais puro amor, o sofrimento moral, não sei qual é maior, mas todos juntos esmagam um coração de criança.

"A Igreja dos nossos pais", "A Igreja dos nossos ancestrais", está nos golpeando.

O Patriarca é também o Primeiro Ministro, em nome do qual está se fazendo tudo, de quem estão nos chegando todo dia tantos sofrimentos.

Deus, Deus, que tragédia! E a que sofrimentos insuportáveis estão submetendo nossa pobre alma.

Quanta angustia nos peitos de dezenas de milhares de jovens, camponeses, operários, estudantes!

Sabado, 4 de junho

Hoje olhei no espelho e vi, pela primeira vez, mais de dez fios brancos na barba, brancos como a neve. Também na cabeça.

2a. feira, 6 de junho

De outras cavernas estou escutando toda da noite cantando:

"Deus está conosco !

Compreendei, oh! Gentes, e inclinai-vos!"

E depois, uma após a outra, todas as canções legionárias. Eles estão juntos, acho, em grupos de 20 em cada comodo. De dia estão livres. Eu não posso vê-los.

Ouvi que entre eles estão: Livezeanu, Tzălnaru, Gheorghiescu.

O número deles passa de 100. Estão em proporções iguais, estudantes, operários e camponezes. Estes últimos, do Distrito Ilfov, e mais do Distrito Vlasca. Os engenheiros de Brasov. Só isso pude saber porque ninguem de nenhum lugar tem permissão de me comunicar qualquer coisa ou falar comigo.

Agora estou sendo levado para o pateo de manhã e de tarde. No início era meia hora cada vez, agora passa de uma hora. Reconfortei-me, estou me sentindo melhor, em-

bora me incomode uma dor surda na parte inferior da coluna.

Cada 5a. feira e Domingo vem me visitar a minha mãe, a minha esposa e algumas vezes também os advogados.

Comida tenho bastante e mesmo demais.

Estou esperando a aprovação para um pequeno fogareiro a alcool, para esquentar alguma coisa, ferver uns ovos, preparar um chá.

O dia todo estou sozinho e falo por vez com cada um dos que morreram dentre nós. Vejo-os como eram quando vivos e ficam ao meu lado. Andam junto comigo pelo quarto, sentam em cima destas táboas.

A maior parte deles passou por esta prisão de Jilava: Motza, Marin, Ciumetti, o Sr. General, o Sr. Hristache.

Sempre estão ao meu lado; quando rezo, eles rezam também comigo.

Agora estou lendo os evangélhos desde o início e apesar do longo tempo, mais de 2000 anos, vejo Nosso Senhor Jesus Cristo, descrito no Evangélho, como fosse a 10 passos de mim, vejo-Lhe a vestimenta, vejo como anda com um passo na frente dos apostolos, ccmo levanta o braço, como fala com eles, como abençoa o povo. Vejo como caiu e rezou: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice"...

Vejo como O prenderam e como O levavam amarrado para Anás e Caifás.

O que não deve ter sentido no Seu coração, então, naquele caminho?

Que sofrimentos, que preocupações, que ameaças exaustivas Lhe passam pela frente!

Por que enorme provação teve que passar!

Vejo como Lhe batem, como Lhe golpeiam o rosto, durante o interrogatório ao qual O submeteram naquela noite, os fariseus e os sábios, os maiores daqueles dias.

Como procuram confundi-Lo com todo o tipo de perguntas e Ele fica calado e olha cada um em seu redor. Olha nos olhos deles, talvez esperando encontrar algum apoio em qualquer um deles. Em sua infelicidade, o homem se agarra a dois olhos amigos. Um olhar ardente, amigo, compreensivo, lhe dá esperanças, forças.

Nada... em todo lugar olhos de ferro, cheios de ódio, de perfídia, de desejo de torturar.

Então vejo como, desgostoso, põe os olhos no chão...

3a. feira, 7 de junho

"Todos o condenaram a morte" (Marco 14-16)...,"Depois de algemar Jesus, O levaram e O entregaram a Pilatus "(Marco 15.1)

E ressoava no seu coração a mesma oração do Jardim de Getsemani: " Meu Pai se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade".

Uma esperança começa a arder no Seu coração: Talvez Pilatos irá considera-lo inocente...

Realmente, sente a luta entre Pilatos e os fariseus. No final, os fariseus vencem.

Mais uma esperança desfeita. No rosto abatido de dor, de cansaço, um novo raio de esperança aparece:

"É Pascoa. É costume se libertar um condenado à morte".

"Pilatos se dirigirá ao povo. O povo certamente está comigo e pedirá a minha libertação. Tenho sido bom com ele. Curei tantos... Não é possivel não estar entre a multidão, lá fora, pelo menos alguns daqueles que Eu curei, porque todo mundo soube que fui preso. Certamente vieram. A multidão está comigo."

E estão passando pela frente dos Seus olhos os momentos de há uma semana, da entrada em Jerusalem. Todo mundo O recebeu com ramos de flores, ajoelhando diante dele.

"A maior parte do povo cobria o caminho na frente dele com suas vestes; outros cortavam ramos das arvores e os colocavam no seu caminho".

"E as multidões que iam na frente de Jesus e as que vinham atrás gritavam: Hosana, filho de Davi!"

"Bendito que vem em nome do Senhor! Hosaná, no mais alto dos ceus"(Mateus 21-8-9)

E os que me seguiam aos milhares, nas minhas pregações!

E Seus olhos se iluminavam. Se Pilatos decide consultar o povo, estou salvo!

A dificuldade é Pilatos se decidir a isso.

Enfim Pilatos se decide. Sai na sacada e fala ao povo reunido: (Mateus 27.17)"Qual quereis vós que vos solte?

Barrabás ou Jesus que se chama Cristo?"

Jesus escuta de dentro a pergunta e parece-Lhe um século o minuto em que espera a resposta:

João 18.40: "Então gritaram todos novamente, dizendo":

- " Não este, mas Barrabás".Ora Barabás era um ladrão.

- "Que hei de fazer, de Jessus, que se chama o Cristo, pois não encontro nele qualquer culpa?"

- "Disseram todos: Seja crucificado". (Mateus ,27-22)

- "Mas que mal fez Ele?".

- "E eles gritavam mais alto, dizendo: Seja crucificado". (Mateus, 27-23).

E gritavam alto e pediam pressa para ser crucificado.

E os gritos deles e dos presbíteros mais importantes, venceram.

Jesus escutou e Seu olhar se anuviou. Não pode acreditar.Parece que está perdendo o juízo.

É levado para fora aos empurroes... A multidão grita; mas Ele não mais enxerga qualquer pessoa e não mais escuta qualquer coisa... Agora Ele não tem mais forças.Não

mais faz milagres, pois no momento que foi preso, Deus retirou-Lhe as forças e O deixou homem como eu, como nós todos.

Para sofrer como homem. Ou seja, para que seu sofrimento seja o máximo: só assim terá o poder de resgate, do resgate de todos os pecados anteriores e após Ele, até nós e até o fim do mundo.

Se tivesse ficado Deus, não teria sofrido. Não havendo sofrimento, como se iam resgatar os pecados do mundo?Pois o Salvador para isso foi enviado.

Então,ele pensou, sofreu, esperou até o último momento, como nós.

Nele doeram os golpes como em nós seres humanos. O cansaço O esgotou assim como a nós. Todas as ofensas, todas as injúrias, todas as injustiças penetraram no Seu coração do mesmo modo que acontece conosco.

Sob as chuvas destes golpes e ofensas, que caíam em cima da Sua cabeça, impotente antes deles, suspirou humanamente, suspirou como nós.

Eis como ele levanta a Sua cruz, vejo como cai sob o peso dela: pois o nosso corpo humano é fraco e se curva sob o peso das cargas. Enxuga o suor da Sua fronte. Em redor dele somente feras. Ninguem tem piedade dele. Ninguem chora por ele.Todos riem. Eis um pequeno consolo; é alguem que acredita nas Suas dores. Dois olhos O compreenderam. Um coração que bate igual ao d'Ele, na hora da dor suprema.

"E seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam no peito, e o lamentavam". (Lucas 23.33)

"E depois que chegaram ao lugar chamado Calvário, alí O crucificaram, a Ele e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda". Ele não era um atleta para resistir, para se opor, para lutar até ser derrubado.

Vejo-O magro, seco e bondoso, extende Sua mão fraca e esgotada de forças na madeira e fala aos Seus algozes:

"Batem".. Oh! são momentos, que, cada um, parece um século.

Eles o pregam. Eis o prego. Sente o primeiro contato com a Sua mão pálida. Oh! o primeiro golpe. O segundo. Sente Seu braço pregado na cruz. Dores terríveis passam por todo o Seu corpo. Tem vontade de gritar, mas não tem força nem para isso. Geme!

A mesma coisa com a outra mão. Esticam-na para arrumá-la direito, pois ele sente, espetado pela dor e lhe está tremendo a carne e todos os ossos.

Agora pelas pernas: eis o prego. Escutam-se as batidas do martelo, uma após a outra. Cada uma O faz estremecer. Estão penetrando até o seu cerebro.

Muito tarde depois uma voz perdida: " tenho sede" (João 19-28).

... Mas, desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre a terra.

... E eis que o véu do templo rasgou-se em duas partes de alto a baixo.

Deus, Deus meu, porque me abondonaste? (Mateus 27-46).

E depois: "Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito". (Lucas 23-46).

E eu ajoelhado, aos pés desta cruz, da qual, do corpo humano partiu para Deus, o Espírito do Seu Filho, faço o sinal da cruz: "Pai nosso, que estais no Ceu, santificado seja Teu nome. Que venha Teu Reino, seja feita Tua Vontade, assim no Ceu como na Terra; dai-nos o pão de cada dia e perdoai as nossas ofensas assim como nos perdoamos a quem nos ofendeu, e não nos deixes cair em tentação e nos protejas contra todo mal. Amen".

E para o espírito que se ergueu, também:

" Lembra-te de todos os meus. Recebe-os sob o Teu escudo. Perdoa-lhes e descança-os em paz. Àqueles que são vivos dai-lhes forças para vencer os inimigos, para florescimento da Romênia cristã, legionária e pela aproximação de Ti, Senhor, da nossa Estirpe romena, na esperança da Tua ressureição. Amen".

CRISTO RESSUSCITOU

- "Ressuscitou no terceiro dia do túmulo. Eu O vi!"

- "Não acredito", disse Tomé.

- E veio Jessus ao meio deles, chamou a Tomé e disse: Mete aqui teu dedo, e vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, e mete-a no meu lado;"(João 20-27).

-"Senhor meu, e Deus meu "(João 20-28) gritou Tomé, após ter apalpado com suas mãos, a costela transpassada e as mãos do Salvador.

Cristo resuscitou, plantando no mundo inteiro, até o fim dos séculos, a esperança de que nunca pereceremos sob o peso das injustiças, não importa quanto elas pesem sobre nossos fracos corpos.

RESSUSCITAREMOS, VENCEREMOS

Cristo ressuscitou, plantando a esperança da ressurreição dos mortos; que a nossa vida não acaba aqui, com esses tão passageiros 60 ou 70 anos; que ela se prolonga do outro lado; que encontraremos de novo aqueles queridos a nós e nunca mais nos separaremos.

Ressuscitaremos em nome de Cristo e somente por Cristo, ou seja, fora da fé em Cristo ninguem ressuscitará nem será salvo.

5a. feira, 9 de junho

Estava sonhando todas as noites. Nunca tenho sonhado tanto como agora. Esta noite sonhava com uma luta que se travava em Predeal* em três setores: um na "bomba", outro no declive da cidade que sobe ao Fitifoi, em cima do quartel, o terceiro estava sob o meu comando, entre a vila Stelian Popescu e o Hotel Palace, até a estrada de ferro em direção à estação. Não haviam tiros. A luta era corporal. O meu setor rejeitou o

---

* Nesta região, na 1ª Guerra Mundial, o Exército Romeno travou lutas muito duras sofrendo pesadas perdas para manter as posições.

inimigo de modo fulminante e o empurrou para lá da estação, deixando-o em desordem. Os outros dois setores, com alguma dificuldade venceram também. Na "bomba" intervi com os meus, no último momento. Porém o inimigo já tinha sido expulso quando chegamos.

Fui também para cima, no Fitifoi, e apontava com um canhão, que parecia mais com um lança-bombas "Aasen". Mas não atirei. Dos que estavam comigo, lembro bem de Bordeianu e Miluța Popovici; esqueci os outros.

Peguei no sono de novo.

Em frente à minha casa, sentados numa mesa redonda com toalha branca, sonhava comigo, meu pai e mais alguem; na mesa havia uma única chicara cheia de café puro. À minha direita, a alguns metros de nós, havia um vale grande e em frente, acima de nós, subia reto uma colina grande de terra e de pedras.

A um certo momento começaram a se desprender pedaços grandes e deslisavam para baixo. Caiu também uma árvore verde que havia no caminho. Depois começou a cair também em cima de nossa mesa. Levatamos e fugimos para a esquerda.

Meu pai me disse: "Beba seu café". Aproximei-me da mesa, mas naquele momento caiu no meio dela, em cima do café, um pedaço de terra em chamas. Retirei-me e começou a cair terra misturada com cinza e brazas... As mulheres da casa vendo-se neste fogo saíram apanhando as coisas.

Vi a mala do meu pai e apressei-me em cima do montão de coisas para apanha-la. Quando cheguei lá, uma mulher se inclinou sobre a mala e foi coberta logo pela terra e pela cinza que caiam, de modo que ficaram a vista só as pernas. Retirei-a e a levantei nos meus ombros e com a mão esquerda segurei a mala e a levei. E estava descendo. Meu pai se apressou em virme ajudar gritando: "Coitada, coitada". Despertei.

Peguei no sono de novo. Sonhei que a minha esposa e a Nicoleta estavam dormindo na cama...

Saindo à rua, vi Smarandescu e Horodniceanu e perguntei a eles " onde está Nicoleta", pois tinha levantado e partido e queria vê-la. Procurei-a num lugar, mas não estava. Procurei-a muito tempo e a encontrei com a mãe dela, numa casa muito pobre. Já era dia.

6a.feira, 10 de junho

Hoje de manhã voou o primeiro filhote de pardal do ninho da minha janela... Quanta emoção, que tremedeira... os primeiros passos e o primeiro voo da vida. Quanto cuidado, quanta alegria para a mãe dele! Está cheia a abobada das suas chamadas de seus incentivos. Só pios! Vá feliz meu querido, para a santa liberdade.

Há alguns dias, anda pela minha cela um gafanhoto verde. Quando me deito, aproxima-se do meu cobertor. Ontem à noite quis pousar na minha cabeça. Procurei afasta-lo. Ficou com medo e num salto desapareceu. Ho

je de manhã encontrei-o esmagado sob a esteira. Levei-o e cuidei dele uma hora. Dei-lhe água com açucar. Bebeu. Ficou bom e voou para fora.

A uma hora da tarde fui chamado na chancelaria. Um inquérito. O Cap. Tărăneanu, do Conselho de Guerra, veio para averiguar se fui eu, da prisão, quem mandou um manifesto pelo qual incitava os meus homens "à vingança".

Era "apócrifo", bem entendido.

Dei uma declaração neste sentido. Como é que caem sobre mim tantas maquinações?

Condenado por uma carta que não era minha. Agora vem outra.

Acho que o próprio promotor se convenceu que não era uma coisa séria.

Esta noite, pela madrugada, sonhava que me encontrava numa sala cheia de gente. Tão cheia que respirava com dificuldades. Foram fechadas as janelas. Começava a revisão do meu processo, na apelação ... Iacobescu dizia que ia falar duas horas. Despertei.

Peguei de novo no sono. Sonhava que estava viajando num trem com a minha mãe, a minha esposa, a filha e Silvia. O trem se inclinava tanto do lado de um abismo, que pensava que ia virar. Então pulei fora, pois andava devagar, e o sustentei com o ombro.

Os outros fizeram a mesma coisa... Descarrilhou, mas não caiu no abismo.

2a. feira, 13 de junho

Não dormi a noite toda. Acho que sinto dores nos pulmões, na parte superior, na altura dos omoplatos. Estou sentindo nos dois lados uma dor leve e um calor permanente. Vou chamar o médico.

Vai ser difícil subir esta montanha..

Depois do almoço, os advogados vieram me ver, pois a 15 p.f. 4a. feira, será julgado o recurso na Corte de Cassação militar.

Eles acham que será adiado por 15 dias, por que isso é rotina.

Apresentam-se novos motivos para cassação e fixa-se um novo prazo.

Estudei com eles os motivos; os principais são:

I - Não foram trazidas as testemunhas de fato, os homens de Ciuc, aqueles com os quais eu trabalhei. Nenhum.

II - Fui condenado por uma carta que não me pertencia. Foi achado o autor dela, que deu uma outra carta, pela qual afirmava que aquela é dele tanto no conteudo como também na caligrafia. Então foi encontrado o autor da carta.

III - Enquadramento errado. Fui enquadrado em crime contra segurança exterior do Estado, em traição, aplicando-me uma pena gigantesca. As ordens não interessam a segurança exterior do Estado, pois não são provinientes de uma potência de fora, que visasse:

a) A integridade do território

b) A independência

c) A soberania.

IV - Não, nenhuma prova sequer, de qualquer tipo, de que teria tido a intenção de provocar uma guerra civil; mencionam-se depositos de armas mas não se mostra qualquer um. Onde está, o que contém, com quem se encontrou?

Estou sendo condenado por simples afirmações.

É coisa única nos anais dos processos, tanto juridicamente, quanto de procedimento.

3a.feira, 14 de junho

Hoje esteve aqui Lizeta Gheorghiu.Os outros estão estudando.

Confiei-lhe, nesta acasião, um pequeno testamento familiar, que preparei hoje, aqui na minha cela.

Para amanhã o recurso.

Hoje acabei de ler "As Epístolas do Santo Apostolo Paulo". Fiquei profundamente impressionado. Confesso que até agora tinha lido só algumas delas e sem aprofundá-las suficientemente. Escreverei mais tarde, pois merecem um estudo completo.

Esta noite sonhei com Gârneață. Queixava-se de que não foi bem no acampamento de Ciuc. Depois sonhei com Tell. Estava escoltado. Fugiu da casa de Ionică.No fim, sonhei com Alecu Cantacuzino. Falei com ele numa casa, mas não sei onde.

4a. feira, 15 de junho

Quando acabei de ler os Evangelhos compreendi que estou aqui na prisão pela vontade de Deus; que mesmo não tendo qualquer culpa do ponto de vista jurídico, Ele está me punindo pelas minhas culpas e põe à prova minha fé. Sosseguei.

A paz e a tranquilidade cairam por cima da agitação da minha alma, como cai a noite tranquila no campo por cima da agitação das torsões e das tensões do mundo. Os homens, os passaros, os animais, as arvores, as plantas, a terra trabalhada cortada pelos ferros dos arados, entra em repouso.

Pois fui muito sacudido...

Sofreu de mais a minha pobre carne. Acho que nunca sofri tanto como desta vez.

Não perdi "a fé" e o "amor", mas sentia que num certo momento estava quebrando o fio da minha esperança.

Torturado fisicamente como um cão (as minhas próprias roupas exprimem meus sofrimentos, há 60 dias que estou dormindo vestido, em cima de tãboas cobertas por esteira. Sessenta dias e sessenta noites que os meus ossos, absorvem como uma esponja, a umidade que jorra das paredes e do chão).

Há 60 dias não troco uma palavra com quem quer que seja, pois ninguem destes daqui têm a permissão de falar comigo. E estou sendo atacado ao mesmo tempo moralmente, acusado de traição, declarado estrangeiro, como não sendo romeno nem pelo pai,

nem pela mãe, mostrado como inimigo do Estado, coberto de golpes e com as mãos amarradas atrás, ou seja sem possibilidade de defesa.

Com o coração encolhido ao pensar nos sofrimentos, injúrias, maltratos dos meus, familia e camaradas. Senti que se tinha rompido um daqueles três fios invisíveis que liga o cristão a Deus, a esperança. Tinha-se escurecido na frente dos meus olhos. Sentia que estava me afogando.

Mas o emendei de novo, lutando dia a dia. Como? Lendo os quatro Evangélhos. Quando terminei de lê-los, senti que tenho de novo os três fios e que eles estão bons: a fé, a esperança e o amor.

E quando, acabei de ler as carta; do Santo Apostolo Paulo, depreendi delas, as provas decisivas da existência da Ressureição e do poder do nosso Salvador Jessus Cristo. Impressionou-me: 1- a sinceridade e a pureza de alma do Santo Apostolo; 2- A vida integral cristã, sem mancha; 3 - Os perigos e os sofrimentos pelos quais passou pelo Senhor; 4 - A serenidade e mesmo a alegria com as quais recebia esses sofrimentos; 5 - A força de encorajar também os outros, para que não vacilem diante dos sofrimentos e das perseguições; 6 - Um amor santo de uma elevação tremenda para todos os irmãos cristãos ou seus filhos espirituais; 7 - Uma ambição invencivel e raramente encontrada entre os apostolos de uma fé, de propagar sem cessar o Salvador Jesus para todos os povos; 8 - Os grandes conhecimentos e sabedoria.

Quase em todas as cartas, começa:

"Eu, o preso, que estou me encontrando acorrentado por causa da fé em Cristo, nosso Senhor".

Depois escreve à Timóteo: Apressa-te para vir a mim logo". (Timóteos, 4-9). Ele tinha também desejo de ver alguem.

"Quando vieres, traga-me a manta".

Ele também sentia frio como eu.

Em fim, quanto mais nos aprofundamos na leitura das cartas, chegamos à conclusão:

1 - Que não somos cristãos, que estamos longe de ser cristãos. Que longe...

2 - Que estamos nos cristianisando na forma, mas estamos nos descristianisando no contendo.

3 - Que a humanidade sofreu este processo de descristianisação durante séculos até nós, com poucos momentos de interiorização... A cristianisação na superfície parece que preocupou mais o mundo.

4 - Característica do nosso tempo:

Estamos nos preocupando com a luta entre nós e outros homens, não com a luta entre os ensinamentos do Espirito Santo e os desejos do nosso ser terrestre.

Estamos nos preocupando e gostamos das vitórias sobre os homens, não das vitórias contra o Diabo e o pecado.

Todos os grandes homens do mundo de ontem e de hoje:

Napoleão, Mussolini, Hitler, etc. estão preocupados muito mais por estes tipos de vitórias.

O Movimento Legionário é uma exceção, ocupando-se, mas insuficientemente, também da vitória cristã no homem, em vista da sua salvação.

Insuficientemente!

A responsabilidade de um dirigente é muito grande.

Ele não deve regozijar os olhos dos seus exércitos com vitórias terrestres, sem prepará-los ao mesmo tempo para a luta decisiva, da qual a alma de cada um pode se coroar com a vitória da eternidade ou com a derrota eterna.

5 - Finalmente, a falta - pelo menos entre nós - de uma elite clerical, que tenha guardado o fogo sagrado dos velhos cristãos. A falta de uma escola de grande elevação e de grande moralidade cristã.

6a. feira de manhã, 17 de junho

4a. feira pelas 5 da tarde veio minha esposa com a sua mãe. Falaram-me que o meu processo em curso não foi adiado como era de costume, mas ia ser julgado de tarde às 5, continuado na sessão da noite. Minha esposa falou-me que foi chamada à Legião de Gendarmes de Băneasa, onde foi retida de manhã até a uma hora da tarde, para dizer-lhe que não mais tem permissão de entrar em sua casa, na Casa Verde, e que 6a. feira venha empacotar suas coisas e Domingo as leve com carros para onde quiser.

Estava muito aborrecida. Tirar as coisas da sua casa. Para onde levá-las? Onde ficar? Eu na prisão, minha esposa sem qualquer amparo, jogada na rua, com a filha na mão.

Quanta falta de humanidade!... Quanta falta de respeito!

Ficamos todos três e pensamos: onde? Onde?

Eu dou também alguns endereços, ao acaso. Não temos tanto dinheiro para pagarmos uma casa de aluguel...

Disse-lhe que se me for rejeitado o recurso serei levado daqui para Doftana.

Ela quer vir com a filha, morar na aldeia junto à prisão.

Disse-lhe que deixei com Lizeta Gheorghiu disposições testamentárias e comecei a resumir em algumas palavras o seu conteúdo.

Elas choravam, tanto minha esposa como também a mãe dela; a menina que tinha apenas quatro anos, não está compreendendo toda a tragédia destes momentos, quando a sombra da morte começa se espalhar sobre os pensamentos de uma família.

Depois dos 15 minutos regulamentares, partiram.

Agora é 6a.feira de manhã. Ainda não me foi trazida a resposta do recurso.

Em nossa casa, à esta hora, minha esposa está empacotando as coisas e chora todas as suas infelicidades.

Mas isto não é possível. Voltaremos.

6a.feira, de tarde, 17 de junho

Há meia hora os advogados vieram e me disseram que foi rejeitado o meu recurso na Corte de Cassação Militar.

Todos estavam tristes e abatidos.

Fiquei com eles 15 minutos. Perguntei como decorreram os debates. Relataram - me em algumas palavras; despedimo-nos. Voltei para minha cela, sentei-me na beira da minha cama de tâboas e rezei a Deus, dizendo "Pai nosso, Senhor seja feita Sua Vontade."

Domingo, 19 de junho

Esta noite, pela meia noite e meia, enquanto me esforçava para pegar no sono, ouvi passos aproximando-se da minha cela. Barulho de cadeado e a porta abriu-se.

Era o tenente de serviço com o primeiro guardião. Vieram para me avisar que devia partir para Doftana. Levantei, vesti-me as pressas, apanhei as minhas coisas em duas malas e no cobertor, fiz a minha prece e deixei esta moradia do meu sofrimento e das minhas tormentas, com o pensamento dirigido para o desconhecido.

Fiquem em paz, centenas de legionários, queridos camaradas, que sofrem entre estes muros.

Cercado por quatro sentinelas, cheguei a chancelaria. Aqui me foi feita uma detida revista corporal. Procuraram nos meus bolsos, apalparam com atenção o colarinho, as mangas, o corpo, as pernas; depois pre-

cisei tirar os sapatos para serem examinados.

Com o mesmo cuidado foram examinadas também as bagagens.

Cumprimentei o Coronel Brusescu, o comandante da prisão e os oficiais, que, no cumprimento do seu serviço, se comportaram com muita elegancia para comigo; um major de gendarmes, um capitão, o mesmo que me trouxe de Predeal e depois ao Conselho de Guerra, em cujos olhos pude ler um sentimento de compaixão por todas as infelicidades que caíram em cima de mim, um primeiro tenente - o antigo guarda durante meu processo - também muito delicado e um comissário de polícia, assumiram a minha guarda.

Subi num taxi, tendo à direita o major, no banquinho virado para nós, o capitão e no banco da frente ao lado do chofer um sargento.

Na nossa frente, a 30m ía um outro carro de polícia e atrás um caminhão com 30 gendarmes ..

Eram duas da madrugada. Fora fazia um tempo bonito. No ceu estava se projetando a luz da Capital, da qual nós estavamos nos aproximando.

Estive neste caminho, há dois anos com o professor Dobre, um dos meus bons comandantes legionários.

Paramos o carro na aldeia para almoçar. E as lembranças começam a desfilar na minha mente...

Entramos em Bucareste. Quanto mais nos aproximamos do centro, mais conhecidos me são os lugares.

Eis que o carro passa pela estrada Stefan Cel Mare (Estevão o Grande)a alguns metros do restaurante que tinhamos em "Obor". Olho, vejo o predio sombrio, sem os bonitos letreiros legionários, que o adornavam há dois meses atrás.

Seguimos o caminho costumeiro pelo qual voltava para a Casa Verde.

Depois, na Praça da Vitória, entramos à direita na estrada que vai a Ploești.

Outras lembranças!... É o caminho pelo qual ia muitas vezes de carro, dirigido pelo fiel Ilarie, à Predeal, o meu lugar predileto de descanso. Estava naquele tempo com a minha esposa, com a filha, com os legionários. Agora estou sob guarda e vou, condenado a 10 anos, à Doftana.

Na estrada, alcançamos um carro de feno puxado por 6 pares de bonitos bois. É um bom sinal. Estamos nos aproximando de Ploești. São três horas passadas. O poder da noite começa a diminuir e ao horizonte começou avançar as primeiras patrulhas da luz.

De vez em quando falo com o major e descobrimos que fomos camaradas na escola militar de oficiais de infantaria, há 20 anos, em Botosani, ele acabando meio ano antes de mim. Lembramo-nos daqueles tempos, dos camaradas de escola, dos oficiais.

Entramos em Ploești. Passamos pelas ruas quietas da cidade. Todo mundo está dormindo. Saimos em direção à Câmpina. De traz

das colinas invade a luz. O capitão da minha frente está cochilando. Eu estou pensando em dias melhores. Paciência no caminho do sofrimento.

Vou para frente com o pensamento fixado na esperança. Após um bom tempo, à esquerda, se abre bonito e luminoso, o Vale do Prahova. A água corre calmamente, passando pela areia. Descemos para passar a ponte e para subir em direção das primeiras casas de Câmpina.

No centro limpo dessa cidade, entramos à direita. Após 2 km, à esquerda e à direita abre-se imponente o vale de Doftana.

A nossa frente, numa colina alta, uma fortaleza do tipo medieval.

Está cercada só de verde. A prisão de Doftana, dos condenados a trabalhos forçados, para onde vamos.

É tão bonito fora. Uma manhã daquelas de rara beleza, cheia das bençãos de Deus.

Sai o sol dentre as árvores da colina e derrama luz dourada sobre o verde das redondezas, sobre a água do vale.

Chegamos. Os oficiais e os gendarmos desceram. Avisaram o diretor da prisão. Eu fico no carro. Os funcionários, levantados do sono, reunem-se um a um.

Estou sendo conduzido para o escritório. Diretor, subdiretor, funcionários, não conhecia nenhum deles. Os funcionários parecem homens bons. O diretor e o subdiretor. pessoas distintas.

As mesmas formalidades de uma revista minuciosa, desde os bolsos até os sapatos. É tanta humilhação nestas revistas regulamentares.

Aceito com resignação.

Estão me avisando que na prisão não é permitido a côr verde. Estão me retirando o sweter verde que vestia e me permitem vestir um outro branco no lugar dele. Estão me retirando também umas mangas de lã, também verdes.

Enfim, fui levado para o interior da prisão, com aspecto de muito cuidada. No fundo vejo uma igrejinha. Deus é presente em qualquer lugar.

Do lado esquerdo, num corredor, em frente, um quarto branco, recém pintado, alto com janelinhas bem em cima, não se pode ver nada por elas. Aproximadamente 5m. de comprimento e 2,5m de largura. Esta é a minha nova cela onde precisarei ficar.

No fundo uma cama de ferro, um colchão de palha, com travesseiro, com cobertor. O chão é de cimento e tem duas esteiras. Uma mesinha de madeira e duas cadeirinhas.

Estou sendo avisado que sendo condenado a seis meses de prisão correcional, terei direito a sair o dia todo no pateo em frente à cela. Depois de passar pela Corte de Cassação a Condenação a 10 anos, aplicar-me-á o regime de trabalho forçado, que começa no primeiro ano, preso o dia inteiro na cela, com saída de uma única hora por dia.

Agora posso ser visitado pela família cada duas semanas; depois, no outro regime, somente cada dois meses. Tenho permissão de escrever para casa uma vez por semana, agora. Quando chegar a condenação definitiva, uma vez por mês.

Difícil!... Muito difícil! Mas me conformarei sem murmúrios.

Deitei na cama. Estou cansado. E tenho frio. Parece que sinto tanto frio quanto em Jilava. Adormeci.

Despertei com um barulho. Olho em redor. Um rato tinha subido na mesa e tinha começado a roer um pacotinho com comida.

Afastei-o. Peguei no sono de novo; despertei novamente. Fiquei assim até o meio dia, os meus pensamentos voando para longe.

Trouxeram-me a comida, sopa de carne com legumes. Comi a carne e algumas colheres de sopa.

Passei pelo páteo. Voltei para a cela e dormi até às 5 da tarde. Saí de novo no páteo. A comida do jantar foi sopa sem carne. Não tinha apetite.

Pelas 7 da noite foi a inspeção do Sr. Gorănescu, subdiretor geral das prisões penitenciárias.

A noite, após o fechamento, veio o médico da prisão e me examinou. Uma má notícia. Tenho as pontas dos pulmões presos, assim como na parte inferior, atrás e na frente.

Deu-me uma receita. Injeções de cálcio, uma pomada para passar e alguma coisa para abrir o apetite.

Coitados dos pulmões, não aguentam mais tanto sofrimento.

Depois de ser atacado no meu ser moral, depois de ser tratado barbaramente do ponto de vista físico, agora vem em cima de mim um terceiro ataque: estou sendo atacado pelos micróbios.

MAS DEUS VÊ E RECOMPENSARÁ!

A Cruz do Túmulo de Jilava